

RUA LARGA

30 ANOS DO
PROGRAMA ERASMUS
*30 YEARS OF THE
ERASMUS PROGRAMME*

revista
da reitoria
da universidade
de coimbra
número 49
julho 2017



alma levo e mundo em mt

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
1700 ex.

ISSN
1 6 4 5 – 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
llevo el mundo en mi alma
© João Armando Ribeiro, 2017

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/pot4o7>

EDITORIAL
Coimbra e 30 anos de ERASMUS – P.04
Coimbra and 30 years of ERASMUS – P.05
João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO
ERASMUS e o futuro da Europa – P.06
ERASMUS and the future of Europe – P.10
Joaquim Ramos de Carvalho

OFICINA DOS SABERES DOSSIÊ
Do ERASMUS ao Erasmus+, uma história de 30 anos – P.14
From ERASMUS to Erasmus+, a story of 30 years – P.15
Vanessa Debiais-Sainton

ERASMUS na Universidade de Coimbra: desenvolvimento e consolidação – P.16
ERASMUS in the University of Coimbra: development and consolidation – P.17
José d'Encarnação

Jorge Veiga, a alma do ERASMUS – P.18
Jorge Veiga, the soul of ERASMUS – P.18
José d'Encarnação

O programa ERASMUS nas palavras de Rui de Alarcão – P.20
The ERASMUS programme by Rui de Alarcão – P.21

O programa ERASMUS nas palavras de Joaquim Romero Magalhães – P.23
The ERASMUS programme by Joaquim Romero de Magalhães – P.23

IMPRESSÕES
Programa de mobilidade Erasmus+ para docentes
Conhecer a(s) Europa(s) através das universidades europeias – P.25
Erasmus+ mobility programme for teaching staff
Getting to know Europe through european universities – P.25
Fátima Velez de Castro

Uma janela de oportunidade para investigação – P.26
A window of opportunity for research – P.26
Ana Ribeiro

A minha experiência ERASMUS – P.27
My ERASMUS experience – P.27
Alexandre Pereira

Experiências que mudam uma vida – P.28
Lifechanging experiences – P.28
Pedro Girão

Era uma vez – P.29
Once upon a time – P.29
Ana Paula Costa-Pereira

A minha experiência como estudante ERASMUS nos Países Baixos – P.30
My experience as an ERASMUS student in the Netherlands – P.31
Isabel Dias

RUA LARGA

RIBALTA
Casa da Lusofonia: onde o mundo se encontra – P.32
Divisão de Relações Internacionais
Casa da Lusofonia: a multicultural meeting point – P.33
International Relations Unit

CIÊNCIA REFLETIDA
Desenhando trajetórias através de línguas e culturas – P.34
Drawing trajectories through languages and cultures – P.35
Clara Keating, Olga Solovova, Anabela Fernandes, Joana Cortez-Smyth

AO LARGO ENTREVISTA
Filomena Marques de Carvalho – P.37 | 42
Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO
Raquel Sampaio
levar o mundo na alma – P.48
Raquel Sampaio
carrying the world in the soul – P.51
Marta Poiares

CRÓNICA
Como na frase do postal – P.54
As in the sentence of the post card – P.56
Eduardo Brito

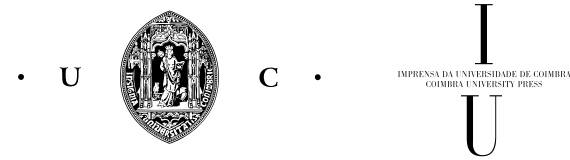
CRIAÇÃO LITERÁRIA
Vaga – P.58
Wave – P.60
Miguel Ramalho-Santos

92, Boulevard Général Jacques – P.63 | 65
Miguel Barreto Henriques

LUGARDOS LIVROS
A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento – P.66
The fourth mission of the university: university internationalisation in the knowledge society – P.66

Imprensa da Universidade de Coimbra
Livros relativos aos 30 anos do Programa ERASMUS – P.67
Books related to the 30 years of the ERASMUS programme – P.67
Livros | Books – P.68
Revistas | Journals – P.69

APOCALÍPTICOSE INTEGRADOS
Há uma “geração ERASMUS” a mudar a Europa? – P.72
Is there an “ERASMUS generation” changing Europe? – P.73
Rita Maia
Daniela Nascimento



COIMBRA E 30 ANOS DE ERASMUS

COIMBRA AND 30 YEARS OF ERASMUS

Comemora-se este ano o trigésimo aniversário do programa ERASMUS, aprovado a 17 de junho de 1987. Reconhecido atualmente como uma das iniciativas mais bem-sucedidas da história da União Europeia, a sua aprovação foi difícil e longa, tendo sido necessário vencer os obstáculos levantados em particular pelo Reino Unido, a França e a Alemanha, que tinham mecanismos de mobilidade próprios e viam com maus olhos a intervenção da Comissão Europeia neste domínio.

A Universidade de Coimbra (UC) foi um apoiante do programa ERASMUS desde antes da sua criação oficial, através do Grupo de Coimbra (<http://www.coimbra-group.eu/>). Este grupo de universidades antigas e prestigiadas, multidisciplinares, criado por iniciativa da Universidade de Louvain-la-Neuve, da Bélgica, teve a sua primeira reunião em outubro de 1985. Logo em 1986, tomou uma posição pública de apoio à vontade da Comissão Europeia de lançar o programa ERASMUS. Em setembro de 1987, menos de três meses depois do início do programa ERASMUS, o Grupo de Coimbra aprovou o seu documento fundador, que continha os princípios base da mobilidade tal como a conhecemos hoje, como sejam o pagamento das propinas na universidade de origem, o reconhecimento no curso de origem dos créditos completados na universidade visitada, e o equilíbrio entre as saídas e as entradas de estudantes em mobilidade.

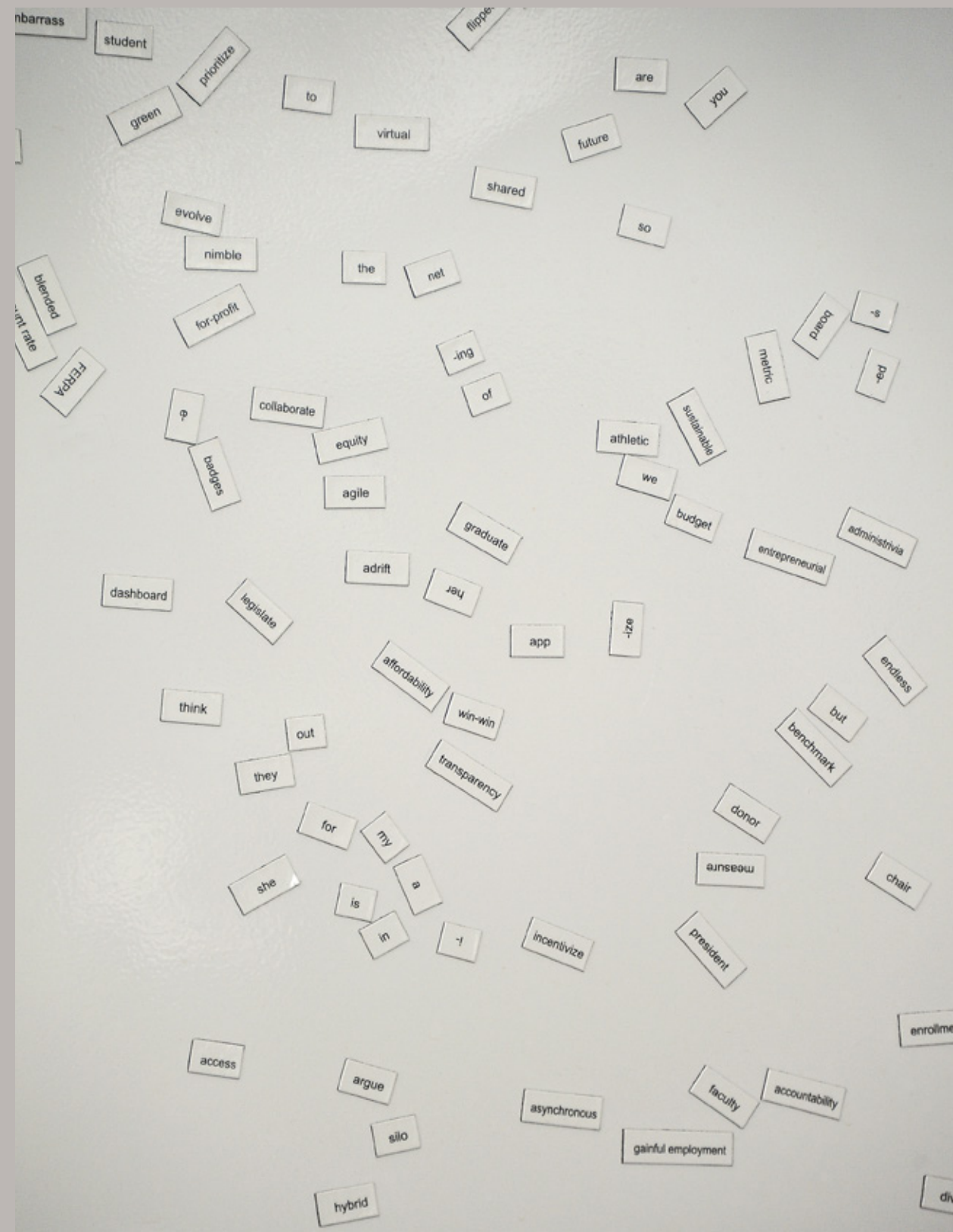
Nos primeiros anos do programa ERASMUS, as universidades do Grupo

de Coimbra foram responsáveis por quase um terço da mobilidade na Europa, apesar de serem pouco mais de 30, sendo assim as grandes pioneiras na consolidação de um programa que é, atualmente, um dos símbolos da construção europeia. A mobilidade entre universidades europeias de países diferentes é importante porque aumenta a empregabilidade dos que nela participam. Os empregadores sabem que esses estudantes estão mais preparados para o mundo global em que têm de se afirmar, pela experiência que adquiriram de viver em culturas diferentes e interagir com colegas de muitas origens.

Mas, mais importante do que isso, conhecer os outros faz-nos perder o receio do desconhecido. Nós temos medo do que não conhecemos; a vivência europeia que o ERASMUS já proporcionou a milhões de jovens europeus tem sido um dos fatores principais da construção efetiva de uma Europa comum, de prosperidade e de paz, prevenindo a destruição e a guerra que marca com tanta frequência a sua história.

Não há bem mais precioso do que a paz, e o que aprendemos com os que têm uma cultura diferente da nossa enriquece-nos imensamente. Os 30 anos do programa ERASMUS merecem ser comemorados, e a mobilidade universitária, estudantil, mas também dos professores e do pessoal técnico, vai continuar a ser um elemento central do posicionamento global da UC.

João Gabriel Silva
Reitor da Universidade de Coimbra



This year we celebrate the 30th anniversary of the ERASMUS programme approved on 17 June 1987. Currently known as one of the most successful initiatives in the history of the European Union, its approval was difficult and dragging. It was necessary to overcome the obstacles put in place particularly by the United Kingdom, France and Germany, which had their own mobility schemes and did not appreciate the interference of the European Commission in this matter.

The University of Coimbra (UC), through the Coimbra Group (www.coimbra-group.eu), was a supporter of the ERASMUS programme well before its official launch. This network made of long-standing, prestigious and multidisciplinary universities, set up on the initiative of the Louvain-la-Neuve University, Belgium, had its first meeting in October 1985. In early 1986, the Coimbra Group publicly endorsed the will of the European Commission to launch the ERASMUS programme. In September 1987, less than three months after the beginning of the ERASMUS programme, the Coimbra Group approved its foundation charter, which comprised the basic mobility principles as we know them today, such as the waiving of tuition fees at the host university, the recognition of the credits completed abroad at the home university degree programme, and the balance of outgoing and incoming mobility flows.

In the first years of the ERASMUS programme, the Coimbra Group uni-

versities, just over 30, were responsible for almost one third of the mobility flows in Europe, thus being the great pioneers in the consolidation of a programme, which is today a symbol of the building of the European Union. Student mobility between different European universities is important because it enhances employability. Employers know that these mobile students are better prepared to deal with a globalized world in which they have to stand out, due to the experience they had while living abroad in different cultures and interacting with colleagues from many origins.

But, more important than that, knowing others makes us fearless of the unknown. We fear what we do not know; the European living experiences, which the ERASMUS programme has offered to millions of young Europeans, became one of the main factors in the effective building of a common Europe of prosperity and peace, thus preventing the frequent destruction and the war that marked its history.

There is no greater good than peace and what we learn from people with different cultures enriches us extraordinarily. The 30th anniversary of the ERASMUS programme deserves to be celebrated and the academic exchange of students, teachers and technical staff will continue to be a central element of the UC global reach strategy.

João Gabriel Silva
Rector of the University of Coimbra

ERASMUS e o futuro da Europa

JOAQUIM RAMOS DE CARVALHO ^{*}

Refletir sobre o programa ERASMUS em 2017, passados 30 anos sobre a sua criação, leva-nos a meditar sobre os sucessos e as dificuldades do projeto europeu. O programa ERASMUS é, sem dúvida, uma das realizações europeias mais consensuais. É difícil encontrar quem não reconheça que marcou positivamente pessoas, instituições, países e mesmo o panorama da educação superior mundial. Mas, neste momento em que a Europa se defronta com sérias dúvidas sobre a sua identidade e o seu futuro, as muitas dimensões do sucesso do programa ERASMUS não podem ocultar os riscos de uma divisão social entre os que, pela sua formação, se consideram cidadãos globais e encaram com tranquilidade e confiança viverem em contextos muito diferentes daqueles em que nasceram, e os que vivem com desconforto crescente processos e situações que sentem como uma perda do seu contexto identitário. De certo modo, o sucesso do programa ERASMUS é também um alerta para as suas limitações e para a natureza dos desafios do futuro.

Sucesso #1: o impacto nas pessoas

O programa ERASMUS marcou as pessoas que dele usufruíram, tendo constituído, para muitas centenas de milhares de jovens europeus, um momento de mudança existencial. Um estudo feito em 2013 para a Comissão Europeia, o *ERASMUS Impact Study* (EIS), quantifica as consequências a nível de empregabilidade, desenvolvimento de competências pessoais e trajetos profissionais internacionalizados dos jovens que usufruíram do programa, com base em inquéritos feitos a mais de 70 mil estudantes, *alumni*, professores, técnicos, instituições de ensino superior e empregadores. No âmbito profissional, o impacto parece ser claro: estudantes que fizeram mobilidade têm metade da probabilidade de passar por períodos longos de desemprego, quando comparados com os seus pares que não saíram da instituição em que se inscreveram. Cinco anos depois de se graduarem, a taxa de desemprego dos estudantes que fizeram mobilidade é 23% inferior aos que não fizeram. Inquéritos aos empregadores confirmam o valor que estes atribuem ao período de mobilidade, porque consideram que ela se traduz em atitudes e competências pessoais que as empresas valorizam.

O estudo revela também um impacto surpreendente na vida pessoal: 33% dos antigos alunos ERASMUS vivem com parceiros de uma nacionalidade diferente da sua, contra apenas 13% entre os estudantes que não tiveram uma experiência de mobilidade, verificando-se ainda que 27% dos antigos estudantes ERASMUS inquiridos em 2013 viviam com parceiros que conheceram durante a sua mobilidade. Extrapolando a partir destes números, alguém calculou que, desde 1997, cerca de um milhão de crianças terão nascido de casais que se conheceram durante o programa ERASMUS. A mobilidade também teve impacto nos professores e funcionários. Para os professores, o programa deu oportunidade de desenvolver e cimentar relações académicas com colegas europeus, através de mobilidades de curta duração. Em vários países, o programa ERASMUS é a principal oportunidade que os docentes têm para se deslocarem ao estrangeiro profissionalmente, e a única para os funcionários. Numa fase inicial do programa houve um investimento grande na criação de redes disciplinares de académicos, com financiamento próprio, que fizeram muito pelo conhecimento mútuo dos *curricula* e dos modos de ensino e aprendizagem, iniciando um caminho de partilha de quadros de referência que tiveram no processo de Bolonha e na proliferação de graus em associação as suas realizações mais significativas. A mobilidade de funcionários permitiu a partilha de experiências e boas práticas, com consequente melhoria dos processos locais a vários níveis.

Sucesso #2: a internacionalização das instituições

A mobilidade cedo levantou questões como a contabilização dos estudos feitos no exterior, a conversão das notas de diferentes escalas e distribuições, e o acesso de uma maneira legível aos conteúdos lecionados em cada universidade, garantindo que cada estudante partia com um plano de estudos pré-acordado e integrado na sua formação original. Assim foi sendo criado um conjunto de instrumentos e ferramentas que estão hoje na base do que chamamos o Espaço Europeu de Ensino Superior: os créditos ECTS, as notas baseadas em percentis, a descrição uniformizada

das disciplinas e cursos centrada nos resultados da aprendizagem, a presença comum de estudantes de outros países nas salas de aula, o consenso sobre normas e processos de qualidade partilhados pelas universidades europeias. De um modo mais geral, o programa ERASMUS consolidou a aceitação da diversidade nos percursos formativos e nas formas de ensinar que os estudantes vivenciam ao longo da sua formação. Para as instituições de ensino superior envolvidas, foi o início de uma nova fase de internacionalização institucional. A gestão de um número crescente de estudantes em mobilidade levou ao desenvolvimento de estruturas internas que pudessem dar conta dos fundos europeus associados, das parcerias com outras instituições e da complexa carga administrativa associada. Embora as universidades tenham tido, desde sempre, uma multiplicidade de relações com instituições de outros países, a criação e a manutenção de um setor administrativo dedicado às “relações internacionais” é, em muitos casos, uma novidade decorrente da vulgarização da mobilidade de estudantes, professores e funcionários e da necessidade de gerir esses fluxos de forma sustentável. Os serviços de relações internacionais vulgarizaram-se nas instituições de ensino superior europeias, a par com o crescimento do programa ERASMUS. Progressivamente, viram as suas atribuições alargarem-se além da mobilidade, gerindo outros projetos e iniciativas e contribuindo de forma crescente para o perfil internacional das instituições.

Sucesso #3: para os países beneficiários

Quanto aos países que tiveram acesso ao programa, a mobilidade ERASMUS democratizou os fluxos de estudantes e professores, distribuindo recursos que permitiram a mobilidade em países e regiões onde não havia tradição da mesma. Algo que só estava ao alcance de poucas instituições bem financiadas e com estratégias de internacionalização sustentáveis passou a estar ao alcance de um número cada vez maior de instituições e países onde a mobilidade de estudantes era rara. O programa ERASMUS funcionou também como um instrumento de promoção da ideia de Europa, ao permitir o acesso ao programa por países que não são parte da comunidade política europeia, mas que foram considerados próximos do ponto de vista cultural e académico e que manifestaram interesse em participar. É o caso, atualmente, da Islândia, Noruega, Liechtenstein, República da Macedónia e Turquia. O programa tornou-se, assim, um espaço de promoção do projeto europeu, servindo para marcar os limites quan-

do necessário: em 2014, a Suíça, que até aí beneficiava do programa ERASMUS, foi excluída na sequência de um referendo que resultou na introdução de cotas para imigrantes oriundos da União Europeia. Significativamente, as universidades helvéticas conseguiram mobilizar financiamento alternativo e pediram aos seus parceiros europeus para manterem a mobilidade nos mesmos moldes do programa ERASMUS. O valor do programa sobrepôs-se à conjuntura política, num exemplo bem marcante de como um projeto europeu se afirma fora do espaço jurídico europeu e fora do alcance dos fundos europeus. **Sucesso #4: um modelo para a Europa das Nações.** O caso da Suíça exemplifica uma característica muito relevante do sucesso do programa ERASMUS: além das regras, das burocracias, dos financiamentos, o programa funciona sobretudo pela perceção clara que as pessoas envolvidas têm do seu valor. No caso limite da impossibilidade de manter a participação formal da Suíça no programa, foram recriadas condições com vista a manter o essencial, pela vontade dos beneficiários diretos, com o apoio dos seus parceiros.

Na verdade, o programa ERASMUS desenvolveu-se numa área em que a capacidade de intervenção central da Comissão Europeia é muito limitada. Os tratados europeus reservam aos Estados membros a responsabilidade pela sua política de educação e formação. O papel da União Europeia, na expressão oficial, é de “ajudar a definir objetivos comuns e difundir boas práticas”, ou “ajudar os Estados membros a enfrentarem desafios comuns”. Assim, o programa ERASMUS, apesar de mobilizar fundos muito significativos, é fruto de um processo consensual e de uma coordenação voluntária dos Estados membros. Não corresponde de forma nenhuma à figura de uma Europa centralizada em Bruxelas, nutrindo uma burocracia bizantina, alheada do interesse das nações e que caminha depressa demais no processo de alargamento e uniformização. Pelo contrário, é um processo participativo, com consultas alargadas que muitas vezes desencadeiam respostas exigindo mais coordenação, mais proatividade das instituições comunitárias e mais alargamento para fora da comunidade europeia em sentido estrito. Muitas destas considerações aplicam-se ao processo de Bolonha, que é uma emanação mais alargada do sucesso do programa ERASMUS e que constitui, talvez, o exemplo mais significativo de convergência europeia, extravasando largamente as fronteiras comunitárias. Nesta perspetiva, o programa ERASMUS mostra que se pode construir uma política europeia de elevado impacto

e consensual sucesso em contexto de autoridade escassa. O segredo dessa quadratura do círculo, tão necessária em tantas outras dimensões do projeto europeu, parece ser a percepção real, direta, quase existencial, do valor da dimensão europeia subjacente. O valor da Europa não é apenas uma percepção mediada por estatísticas interessantes, embora elas existam, mas sim algo sentido como uma experiência pessoal, que muda a vida, que tem um antes e um depois: um antes e depois de viver a Europa. Essa sensação existencial do valor do projeto europeu era obviamente central nas gerações que viveram o contexto em que o projeto europeu foi idealizado. Sem terem experimentado, felizmente, os horrores das guerras que motivaram o projeto de paz europeu, os jovens ERASMUS experimentaram os benefícios de um continente em paz, a Europa como um espaço de oportunidades para a sua vida e não como um campo de batalha ciclicamente reativado, ceifando juventudes sucessivas.

Desafio #1: alargar uma experiência de poucos

A grande questão que se coloca ao programa ERASMUS é que apenas uma minoria dos jovens elegíveis usufrui dele. O objetivo europeu para 2020 é que 20% de todos os jovens no ensino superior na Europa tenham uma experiência de mobilidade. Ao mesmo tempo almeja-se ter, em 2020, 40% das pessoas entre 30-34 anos com um curso superior. Combinando ambos os objetivos, que é hoje claro que são muito otimistas, resulta que a ambição europeia consista em que 8% dos jovens europeus passem por uma experiência de mobilidade. Isso significa que, por muito importante que o programa ERASMUS possa ser na consolidação da ideia de Europa, terá sempre um papel limitado, porque toca uma parte relativamente escassa da população jovem.

Hoje existem diversas tentativas de minimizar esta deficiência. Existem experiências de mobilidade virtual, de mobilidade alternativa dentro do próprio país e, sobretudo, a ideia de “internacionalização em casa”, ou seja, estimular uma experiência de internacionalização dentro de cada instituição para todos os seus estudantes, incrementando a diversidade cultural dos ambientes de ensino-aprendizagem, estimulando desenvolvimentos curriculares que alarguem os horizontes, por vezes estreitos, dos conteúdos lecionados em certas áreas. A importância de ter uma percentagem elevada de estudantes internacionais é sobretudo essa: induzir a internacionalização de toda a instituição e da experiência de cada estudante.

Um número importante do estudo de 2013 é que só 14%

dos estudantes que tentam obter uma bolsa ERASMUS não a conseguem. Dito de outro modo, 86% dos estudantes que não têm uma experiência de mobilidade não tentaram ter uma experiência de mobilidade.

Na sua esmagadora maioria, os estudantes que não se candidataram às oportunidades existentes alegaram incerteza sobre o custo final da mobilidade, falta de recursos financeiros próprios ou razões de ordem familiar ou pessoal.

É razoável pensar que um reforço do valor das bolsas poderia aumentar a percentagem de candidaturas, embora se deva ter em conta que estudantes apoiados pela ação social escolar já usufruem de um apoio complementar e que outros tipos de abordagens podem ampliar as perspetivas de internacionalização dos nossos estudantes.

Desafio #2: chegar aos que não se querem mover

Quando o EIS tentou determinar o perfil dos estudantes que escolhem fazer a mobilidade, concluiu que, de certa forma, os estudantes que se movem são os que, *a priori*, já estão motivados para a mobilidade, quer pelo contexto familiar, quer por traços de personalidade e atitudes que revelam em análises psicométricas. Assim, é muito possível que um simples reforço das bolsas e do seu valor não seja a única via para alargar o impacto do programa e que exista um problema mais profundo que as instituições de ensino superior devem reconhecer.

Os estudantes ERASMUS são maioritariamente oriundos de famílias «académicas» (54%), ao passo que, inversamente, a maioria dos estudantes não móveis provêm de famílias não académicas (62%). O estudo parece também demonstrar que nessa altura, em 2013, os estudantes de países do Sul da Europa afetados pela crise económica eram particularmente explícitos em associar a sua vontade de fazer mobilidade com as perspetivas de aumentarem as suas chances de empregabilidade. O relatório inclui mesmo uma citação de um anónimo estudante ERASMUS português: “The economic situation compels us to consider going abroad to work harder. There are no jobs, so participating in an ERASMUS programme is the only opportunity we have.” (EIS, p.75)

Um aspeto inovador do EIS relaciona-se com a utilização de uma ferramenta psicométrica que procura perceber a interação da mobilidade com atitudes ou traços de personalidade dos estudantes. Foi medido, através de inquéritos, um conjunto de traços de personalidade ou atitudes que revelam um perfil de autonomia e abertura ao mundo, nomeadamente: curiosidade face a novos desafios, consciência das suas próprias forças e limita-

ções, autoconfiança, tolerância à diferença, capacidade de tomar decisões e capacidade de resolver problemas. Estas características são altamente valorizadas pelos empregadores, de modo que a sua análise ajudaria a explicar o maior sucesso profissional dos estudantes ERASMUS. A primeira constatação do estudo é que os estudantes que fazem mobilidade têm valores mais altos destes traços ainda antes de fazerem a mobilidade. A mobilidade tem um efeito de reforço destas características. Tem impacto no aumento de todas elas, sobretudo no que toca a autoconfiança (que o estudo designa por “serenidade”) e a curiosidade por novas experiências. Em resumo, os estudantes ERASMUS são sobretudo jovens que, pelo contexto familiar e pelos traços de personalidade, são, ainda antes da mobilidade, jovens predispostos a experiências novas em contextos não habituais. A experiência ERASMUS reforça essas características, do que podemos concluir que, numa dada população estudantil, a mobilidade ERASMUS pode contribuir para a distinção entre os que têm uma visão mais fechada do seu futuro e os que estão mais dispostos a assumir riscos e viver os desafios da não familiaridade.

Este parece-nos o maior desafio que se coloca ao programa ERASMUS e às instituições de ensino superior responsáveis pelo desenvolvimento académico e pessoal dos seus estudantes: garantir que o programa ERASMUS chega não só aos que previamente estão predispostos a uma experiência internacional, mas também, e cada vez mais, aos que não estão previamente muito abertos a uma experiência que será diferente e que, ainda que numa pequena escala, os prepara para serem “cidadãos do mundo”.

Conclusão: ERASMUS e futuro da Europa – a batalha pelas mentes e corações de todos os jovens europeus

Acontecimentos recentes em vários países europeus colocaram na ordem do dia a viabilidade a longo prazo do projeto Europeu.

Muitas vezes esses acontecimentos são descritos como uma subida do populismo, do nacionalismo, uma consequência dos excessos burocráticos e regulamentadores das instituições europeias, distantes das preocupações dos cidadãos, ou uma mistura de isso e muito mais.

É também recorrente a constatação de que, em muitos desses momentos, foram os jovens – em especial os jovens com educação superior – que fizeram pender o fiel da balança que mede o peso relativo de uma visão aberta das nossas sociedades europeias e uma visão fechada, nacionalista e receosa pela sobrevivência de identidades locais. Onde os jovens educados exerceram de forma

significativa os seus direitos políticos, a visão europeísta saiu reforçada; quando estão ausentes, prevalecem em maior grau as visões mais fechadas do futuro.

O programa ERASMUS permite-nos olhar com confiança para o efeito real de uma experiência europeia na consolidação de atitudes de abertura, tolerância, capacidade de lidar com a diferença; tudo traços que valorizam profissionalmente quem os possui e quem os acolhe. Mas não podemos perder a noção de que não só poucos se movem, como os que se movem são, em certa medida, os já “convertidos”. A maioria dos nossos estudantes tem dificuldade em encarar o desafio de uma experiência de mobilidade.

As universidades e outras instituições que beneficiam do programa ERASMUS na sua atual forma não podem, por si só, resolver os desafios que o projeto europeu enfrenta, mas apenas dar o seu contributo. E esse contributo, neste plano como noutros, deve estar focado em serem lugares onde, pela formação, se promove a igualdade de oportunidades e não a amplificação das desigualdades.

Nos tempos de hoje, o combate à desigualdade é mais do que o combate à desigualdade económica. Temos de preparar-nos para sociedades em que as principais linhas de fratura se manifestam sob a forma de diferentes atitudes perante a diversidade, a mudança, o alargamento dramático dos horizontes de vida em termos de contextos culturais. Essas fraturas estão relacionadas com desigualdades sociais e económicas, mas seria um erro pensar que se reduzem a isso.

O contributo das universidades deve ser a promoção, de forma generalizada, dos sucessos incontestáveis do programa ERASMUS, além dos poucos que dele efetivamente já beneficiaram.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra

9

ERASMUS and the future of Europe

JOAQUIM RAMOS DE CARVALHO *

Talking about the ERASMUS programme in 2017, 30 years after its creation, leads us to think about the success and the difficulties of the European project itself. The ERASMUS programme is undoubtedly one of the most unquestionable European achievements. It is hard to find someone who does not recognise that it had a positive impact on individuals, institutions, countries and even on the global higher education scene.

However, in a moment when Europe is confronted with serious doubts about its identity and its future, the several dimensions of the ERASMUS programme cannot hide the risks of a social split between those, who, by virtue of their education, consider themselves as global citizens and accept with tranquillity and confidence the difference in the contexts in which they were born, and the ones who go through processes and situations, with an increasing discomfort, in which they feel a loss of their identity context. In a way, the success of the ERASMUS programme is also an alert to its limitations and to the nature of the future challenges.

Success #1: the impact on individuals

The ERASMUS programme has made a deep impression on the individuals that benefitted from it; for hundreds of thousands of European young people it was a turning point in their lives.

A study conducted in 2013 for the European Commission, the ERASMUS Impact Study (EIS), quantifies the implications that the programme had in the lives of the young individuals who benefited from the programme, in terms of employability, development of personal competences and international professional paths, based on surveys responded by more than 70,000 students, *alumni*, academic staff, technical staff, higher education institutions and employers.

Within the professional scope, the impact seems to be clear: mobile students have half of the probability of spending long periods of unemployment, when compared with their peers who have never participated in any exchange programme abroad. Five years after graduation, the unemployment rate of mobile students is 23% lower than non-mobile students. The surveys responded by employers confirm the value they give to the mobility experience, as they consider that is translated into attitudes and personal competences that the companies appreciate.

The study also reveals a surprising impact on personal life: 33% of the ERASMUS *alumni* have a life partner of a different nationality than their own, nearly three times more than among the non-mobile *alumni* (13%), and 27% of ERASMUS *alumni* surveyed in 2013 had met their current life partner during their stay abroad. Based on these numbers someone has calculated that, since 1997, around one million children were born to couples who met during the ERASMUS programme. Mobility had also impact on the life of academic and technical staff. Academic staff participants consider that the programme has given them the opportunity to develop and strengthen academic links with European colleagues through short-term mobility periods. In several countries, the ERASMUS programme is the main opportunity that teachers have to go abroad on professional duty, and the only one for technical staff. In an early phase of the programme there was a large investment in the creation of disciplinary networks led by academic staff, with specific funding, which contributed a lot to knowledge exchange about the *curricula*, teaching and learning methodologies, thus triggering the development of education frameworks which resulted in the Bologna process and the proliferation of joint degrees – two flagship initiatives. The mobility of technical staff facilitated the sharing of experience and good practices leading to improvements in different processes and other local working practices.

Success #2: the internationalisations of the institutions

Mobility soon raised issues such as the award of credits to the studies carried out abroad, the conversion of grades with different scales and distribution, the access to the learning contents taught at each university, the mechanisms to ensure that each student went abroad with a pre-arranged learning agreement integrated in his/ her home university degree. This is how a set of guidelines and tools were created and are today the basis of the so-called European Higher Education Area: the ECTS credits, the grading system based on percentiles, the standardised description of the course unit contents and degree programmes centred on learning outcomes, the presence of international students in the classroom, the consensus on the quality norms and processes shared by the European universities. In general, the ERASMUS programme streamlined the acceptance of the diversity in the education paths and teaching methods that students experience during their training.

This marked the beginning of a new phase of institutional internationalisation for the involved higher education institutions. The management of an increasing number of mobility students led to the development of internal structures able to deal with the received European funding, the partnerships established with international partners and the subsequent complex administrative burden.

Although universities have always had a multiplicity of connections with institutions from other countries, the creation and running of an administrative sector dedicated to “international relations” is, in many cases, a novelty resulting from the widespread mobility of students, academic and technical staff, and the need to manage those flows in a sustainable way. The establishment of international relations offices in the European higher education institutions kept up with the growth of the ERASMUS programme. Progressively, these offices broadened their scope of activity beyond mobility, taking the lead in the management of other projects and initiatives thus contributing to the increasing internationalisation of the profile of their institutions.

Success #3: for the beneficiary countries

Within participating countries, the ERASMUS programme democratised the mobility flows of students and academic staff, allocating resources that allowed exchange to and from countries and regions traditionally less used to it. Something that was within the reach of just a few well-funded institutions with sustained internationalisation strategies became available to an increasing number of institutions and countries where exchange programmes were unusual.

The ERASMUS programme has also served as a vehicle of promotion of the idea of Europe, by opening the access to the programme to interested countries which are not part of the European political community, but which were considered culturally and academically similar. Currently, this is the case of Iceland, Norway, Liechtenstein, Republic of Macedonia and Turkey.

The programme became thus a dissemination tool of the European project, used to set limits when necessary: in 2014, Switzerland, which until then benefited from the ERASMUS programme, was excluded following a referendum that led to the introduction of quotas for immigrants coming from the European Union. The Helvetic universities gathered significant alternative funding and asked their partners to keep exchanges in the same way as the ERASMUS programme. The value of the programme prevailed over the political situation – a remarkable example of how a European project succeeds outside the European legal area and without the European funding.

Success #4: a model to the Europe of Nations

The case of Switzerland illustrates a very relevant characteristic of the success of the ERASMUS programme: beyond the rules, the bureaucracies, the funding, the programme works mainly due to the clear perception that the participating individuals have of its value. As the formal participation of Switzerland in the programme proved impossible, new conditions were re-established aiming at keeping the essential, based on the will of the direct beneficiaries and the support of international partners.

As a matter of fact, the ERASMUS programme developed within an area in which the capacity of the European Commission to intervene centrally is very limited. According to the European treaties, Member States are responsible for their education and training policies. The role of the European Union, in official words, is to “help defining common objectives and disseminating good practices”, or “helping Member States to address common challenges”. Therefore, the ERASMUS programme in spite of mobilising large funds is the result of a consensus-based process and a volunteer coordination of the Member States. It does not correspond at all to the image of a Europe centralised in Brussels, nurturing a Byzantine bureaucracy, unaware of the interest of the nations, going too fast in the process of enlargement and standardisation. On the contrary, it is a participatory process, with broad consultations, which sometimes trigger answers that demand more coordination, more proactivity of the Community institutions and further enlargement outside the European community in the strict sense. Most of these considerations are applicable to the Bologna Process that is a broader derivation of the success of the ERASMUS programme and which represents maybe the most significant example of the European convergence, going way beyond the Community borders.

In this perspective, the ERASMUS programme shows that one can build a European policy of high impact and undeniable success within a context of scarce authority. The secret of this squaring of the circle, so much needed in so many other dimensions of the European project, seems to be the real, direct and almost existential perception of the underlying value of the European dimension. The value of Europe is not only a perception measured by interesting statistics, although they exist, it is something felt as a personal experience, which changes lives, which has a “before” and an “after”: a before Europe and an after Europe.

This existential feeling of the value of the European project was obviously central to the generations that lived in the context in which the European project was conceived. Fortunately, without experiencing the horrors of the wars that motivated the European peace project, the ERASMUS young students

experienced the benefits of a peaceful continent, Europe as a hub of life-changing opportunities and not as a battle field cyclically reactivated, taking lives successively.

Challenge #1: enlarge the experience of a few

The big issue for the ERASMUS programme is that only a minority of the eligible students benefit from it. The European objective for 2020 is that 20% of all higher education students in Europe have an international mobility experience. At the same time, 40% of people aged 30-34 in the EU should have a higher education qualification by 2020. Combining both objectives, clearly assumed today as very optimistic, it follows that the European ambition should be that 8% of European higher education students have a mobility experience abroad. This means that, however important the ERASMUS programme might be in the strengthening of the European integration, it will always have a limited role because it reaches a relatively small part of the young population.

Today there are several attempts to minimise this weakness. There are virtual mobility, alternative mobility inside one's own country and, above all, the idea of "internationalisation at home", there is to say, the promotion of an internationalisation experience inside institutions for all students, promoting cultural diversity in the classroom, stimulating curriculum development that broadens the sometimes narrow horizons of the contents taught in some areas. The importance of having a high percentage of international students is mainly that one: induce the internationalisation of the whole institution and of the experience of each student.

Another important number of the 2013 impact study is that only 14% of the students who apply to an ERASMUS scholarship are not able to get it. In other words, 86% of the students who do not have a mobility experience abroad did not tried to have one.

The majority of students who did not apply to the ERASMUS opportunities said that they were uncertain about the costs of the overall mobility period, they were in economically disadvantaged situations or had family or personal impediments.

It is reasonable to think that an increase in the amount of the scholarships could raise the percentage of applications, however one should take into account that the students supported by the welfare services benefit already from complementary aid and that other kinds of approach could widen the internationalisation perspectives of our students.

Challenge #2: reach the ones that do not want to move

When the EIS tried to define the profile of the students who choose to go abroad concluded that, in a way, the mobile students are the ones that, *a priori*, are already motivated to do it, because of their family context, or because of their personality traits and attitudes revealed in the psychometric analyses. Therefore, it is likely that a simple increase in the amount of the scholarships may not be the only way to widen the impact of the programme. It is also likely that there is a deeper problem that the higher education institutions should acknowledge and tackle.

The majority of the ERASMUS students belong to families with an academic background (54%), whereas, by contrast, the majority of the non-mobile students belong to families with a non-academic background (62%). The study also shows that back in 2013, the students from the South European countries, most affected by the economic crisis, were particularly explicit in relating their will to go abroad with increasing opportunities to enhance their employability. The report actually quotes the answer of an anonymous Portuguese ERASMUS student who says that: "The economic situation compels us to consider going abroad to work harder. There are no jobs, so participating in an ERASMUS programme is the only opportunity we have." (EIS, p.75)

An innovative aspect of the EIS is the use of a psychometric tool that tries to understand the relation of the mobility experience with the attitudes or personality traits of the students. Different surveys were used to measure a set of personality traits or attitudes, which revealed profiles denoting self-reliance and openness to the world, namely: curiosity and openness to new experiences; awareness of own strengths and weaknesses; confidence; tolerance of ambiguity; ability to make decisions and solve problems. These characteristics are highly valued by employers, which helps us to understand the higher rates of professional success among ERASMUS students.

The first finding of the study is that mobile students have higher values in the analysis of these traits even before going abroad. And mobility strengthens those traits. It increases the values of all traits, especially self-confidence (which the study calls "serenity") and curiosity and openness to new experiences. In brief, the ERASMUS students are mainly young people with a family background and personality traits, which predispose them to new experiences in uncommon contexts, even before mobility. The ERASMUS experience strengthens these characteristics and it therefore follows that in given student population, the ERASMUS mobility can contribute to distinguish the ones with a narrower perspective of their future from the other ones who are more predisposed to take risks and live the challenges that can arise in non-familiar contexts and situations.

This seems to be the major challenge for the ERASMUS programme and the higher education institutions that are responsible for the academic and personal development of their students: ensuring that the ERASMUS programme reaches not only the ones previously predisposed to an international experience, but also, and to an increasing extent, the ones that are not previously so open to a new experience, which will be different for them and which will prepare them to be "cosmopolitan citizens", even on a small scale.

Conclusion: ERASMUS and the future of Europe – a battle for the minds and hearts of all young Europeans

Recent events in several European countries have put the viability of the European project on the agenda.

Often these events are described as an increase of the populism, of the nationalism, a consequence of the excessive bureaucratic regulations of the European institutions, distant from the concerns of the citizens, or a mix of these and much more.

Another frequent observation is that, in many of those moments, it was the young people – in particular the ones with a higher education degree – that tip the balance which measures the relative weight of a broad vision of our European societies and

a narrow and nationalist vision fearsome about the survival of the local identities. Where educated young people exercised their political rights in large numbers, the pro-Europe vision was strengthened; when they're absent, the narrower visions about the future prevail.

The ERASMUS programme allows us to look confidently at the real effects of a European experience in the widespread of open-minded attitudes, tolerance, ability to deal with the difference; the very personality traits that add value to the ones who have them and to those who welcome them. However, we cannot distract ourselves from the fact that the students who go abroad are few and already "converted". The majority of students have difficulties in coping with the challenge of going abroad.

Universities and other institutions that benefit from the ERASMUS programme, in its current form, cannot solve the challenges of the European project on their own, but they can give their contribution to it. And that contribution, in this case, as in others, should be focused on the promotion of equal opportunities and not on the widespread of inequalities. Nowadays, the combat to inequality is more than a combat to the economic inequality. We have to be prepared to live in societies in which the main fault lines are translated into different attitudes towards diversity, change, and the dramatic extension of the lifespan in terms of cultural contexts. Those fault lines are linked to social and economic inequalities, but it would be a mistake to think that they can be reduced to it. The contribution of the universities shall be promoting as widely as possible the unquestionable success of the ERASMUS programme beyond the ones who have already benefited from it.

*Vice-rector of the University of Coimbra



do ERASMUS ao Erasmus+, uma história de 30 anos

A Universidade de Coimbra é uma das mais antigas do mundo, o que simboliza o papel que tem vindo a desempenhar na educação em Portugal, ao longo de séculos. Atualmente, esse papel está refletido na grande participação de instituições de ensino superior portuguesas no Programa Erasmus+. Na verdade, de acordo com as últimas estatísticas (2015), Portugal recebe mais de 11 mil estudantes ERASMUS e envia mais de oito mil – números encorajadores para um país com uma população de pouco mais de dez milhões de habitantes. O Programa ERASMUS iniciou-se há 30 anos, 30 anos depois do Tratado de Roma ter criado a Comunidade Europeia. Não existe melhor exemplo na União Europeia do que o ERASMUS para mostrar o que a Europa pode oferecer para unir um povo, dando a possibilidade aos participantes de viverem numa outra cultura. Em 1987, numa época em que a Comissão Europeia pretendia remover as barreiras alfandegárias e criar um mercado único, atravessar as fronteiras para estudar ou fazer investigação não era uma prática comum na Europa. Havia mesmo resistência e ceticismo relativamente ao investimento num programa de mobilidade europeu.

Graças ao Erasmus+ e aos programas que o precederam, não só os jovens europeus como também os seus professores e educadores alargaram os seus horizontes, aprendendo uns com os outros. Através das suas experiências, desenvolveram competências valorizadas pelos empregadores. Na verdade, metade dos recém-graduados estão condenados ao desemprego, mas um em cada três estagiários Erasmus+ demonstra um nível tão elevado de competências que leva a entidade de acolhimento a oferecer-lhe um emprego após o período de estágio.

Este fluxo de pessoas motivadas com uma experiência de mobilidade ajudou a desencadear reformas nos sistemas de ensino superiores em toda a Europa. Este processo foi reforçado pelos ministros dos diferentes países e acordado em contexto internacional, oficialmente, no âmbito do Processo de Bolonha, cujos objetivos são indissociáveis do Erasmus+.

Para um jovem, uma estada no estrangeiro é um importante contributo para a sua carreira ou para melhorar as suas perspetivas de empregabilidade. Na verdade, uma mobilidade no estrangeiro alarga os horizontes dos jovens, enriquecendo a sua vida pessoal e profissional.

O Erasmus+ não oferece aos jovens apenas a oportunidade de se familiarizarem com diferentes modos de pensar, mas também de repensarem as suas posições num novo contexto; conhecer pessoas com diferentes formações; fazer amigos; aprender línguas; explorar o significado de ser um cidadão europeu, e vivenciar os valores europeus. Cerca de 93% dos antigos estudantes Erasmus+ afirmam que ficaram a valorizar as diferentes culturas depois de realizarem a sua mobilidade.

Acresce que ficaram mais sensibilizados para participar ativamente na vida democrática – 81% dos estudantes ERASMUS votaram nas últimas eleições para o Parlamento Europeu, enquanto só 30% dos jovens em geral é que o fizeram.

Olhando para o futuro, recaí na geração Erasmus+, mais do que nunca, a responsabilidade de encontrar soluções para os desafios que a Europa enfrenta. Estes jovens europeus demonstraram que numa sociedade rica em diversidade, conseguimos manter-nos unidos à volta de valores comuns: liberdade associada à solidariedade, direitos fundamentais e respeito mútuo. Estes valores partilhados e a oportunidade de os vivenciar como parte da mobilidade Erasmus+ podem constituir o fundamento de uma verdadeira identidade europeia e de uma comunidade assente em valores.

É por isso que o Erasmus+ é crucial para a Europa. Sendo um programa que contempla todas as áreas de ensino, formação, juventude e desporto, oferece um manancial de oportunidades congregando pessoas e partilhando boas práticas em toda a Europa e além dela. O programa atual é muito mais inclusivo do que era há 30 anos, envolvendo indivíduos com diversas origens, proporcionando aos que têm menos possibilidades ou necessidades especiais um impulso adicional através das bolsas, que também são extensíveis a regiões periféricas de países participantes.

O papel da inclusão social foi fortalecido ainda mais com a criação do Corpo de Solidariedade Europeu, que assenta no sucesso do Erasmus+. Estima-se que, em 2020, possa oferecer a centenas de milhares de jovens na Europa a possibilidade de darem um contributo relevante à sociedade e de expressarem, em termos práticos, a sua solidariedade, apoiando idosos ou vítimas de catástrofes naturais.

Em 2014/15, as instituições portuguesas de ensino superior enviaram cerca de 8500 estudantes e pessoal em mobilidade; com o aumento crescente do orçamento atribuído ano após ano, este número tem tendência para continuar a crescer. Com os desenvolvimentos que se adivinham, tais como a digitalização do processo Erasmus+ através da plataforma *Online Learning Agreements* e da *Erasmus+ mobile app*, bem como as novas oportunidades de interação, através da *Erasmus+ Student and Alumni Association*, além da mobilidade inicial, demonstram que os benefícios do Programa não param de aumentar.

Estão todos convidados a participar nas celebrações do 30.º aniversário do Erasmus+, em todos os acontecimentos que decorrerão durante o ano, e a juntar-se a nós para, em conjunto, ajudarmos a moldar o Erasmus+ e a Europa de amanhã!

* Vice-diretora da Divisão de Ensino Superior da Comissão Europeia

from ERASMUS to Erasmus+, a story of 30 years

The University of Coimbra is one of the oldest Universities in the World, which is symbolic of the centuries-old role that education has played in Portugal. This is reflected in the present day through the huge presence of the Erasmus+ programme in Portuguese Higher Education Institutions. In fact, according to the latest statistics (2015), Portugal receives more than 11 000 ERASMUS students and sends over 8 000 – encouraging figures for a country of just over ten million people.

Thirty years ago the ERASMUS programme was launched, thirty years after the Treaty of Rome created the European Community. There is no better example within the EU than ERASMUS to show what Europe can deliver to unite people across Europe, by offering participants the opportunity to experience life in another culture. In 1987, at a time when the European Community aimed to remove trade barriers towards a single market, crossing borders to study or train was not common practice in Europe. There was even resistance and scepticism as to whether a mobility programme was worth investing in at European level at all.

Thanks to Erasmus+ and its predecessor programmes, not only young Europeans, but also their teachers and educators, have broadened their horizons by learning from and alongside one another. Through their experiences, they have developed skills that are sought after by employers. In fact, they are half as likely to experience unemployment after graduation and one in three Erasmus+ trainees shows such a high level of competence that their host company offers them a position after the traineeship period.

This flow of motivated, mobile people has helped to trigger reforms in higher education systems across Europe. This process has been further enhanced at ministerial level and officially agreed upon internationally in the Bologna Process, which goes hand-in-hand with the aims of Erasmus+. For young people, a stay abroad opens up far more than just a positive outlook for their career or improved employment prospects. Indeed, a period abroad often opens the minds of young people, thus enriching their personal and professional lives.

Erasmus+ not only offers young people the opportunity to familiarise themselves with different perspectives, but also to re-think their own points of view in a new environment; to meet individuals from different cultural backgrounds; to make friends; to learn languages; and to explore what European values and being a European citizen mean to them. Some 93% of former Erasmus+ students identify as better appreciating the value of different cultures after their

mobility. Moreover, they then tend to participate more actively in democratic life – 81% of Erasmus+ students voted in the last European Parliament elections compared to only 30% of young people in general.

Looking to the future, it falls to the Erasmus+ generation more than ever to find solutions to the challenges facing Europe. These young Europeans have demonstrated that in our diverse society, we stand united around common values: freedom coupled with solidarity, fundamental rights and mutual respect. These shared values and the opportunity to experience them in action as part of an Erasmus+ mobility can be the foundations of a true European identity and a community of values.

This is why Erasmus+ is crucial for Europe. As the EU programme for all fields of education, training, youth and sport, it offers a wealth of opportunities by bringing people together, and by sharing best practices from throughout Europe and beyond. The current programme is much more socially inclusive than 30 years ago, involving individuals from diverse backgrounds, and providing an extra boost to people with fewer opportunities through additional grants for those with special needs, from disadvantaged backgrounds and from the outermost regions of participating countries.

The role of social inclusion has been strengthened even further with the creation of the European Solidarity Corps, which builds on the success of Erasmus+. By 2020, it will offer a hundred thousand young people in Europe the chance to make a meaningful contribution to society and express their solidarity in practice, for instance by giving a hand to elderly people or by supporting victims of floods.

In 2014-15, Portuguese institutions sent around 8 500 students and staff from Higher Education Institutions on exchanges and with the budget for Erasmus+ increasing year on year, this figure looks set to continue in an upward trend. With exciting developments, such as digitalization of the Erasmus+ experience through Online Learning Agreements and the Erasmus+ mobile app in the pipeline, as well as opportunities to engage with Erasmus+ beyond the scope of a participant's initial mobility through involvement in the Erasmus+ Student and Alumni Association, the programme is promising ever more benefits to its participants.

You are all invited to participate in the Erasmus+ 30th anniversary celebrations and events this year, and to join us in shaping Erasmus+ and the Europe of tomorrow!

* Deputy Head of Higher Education Unit, European Commission

ERASMUS na Universidade de Coimbra: desenvolvimento e consolidação

Perguntou-me o Doutor Ludwig Scheidl, ao tempo Presidente do Conselho Diretivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), se não me importaria de coordenar o Programa ERASMUS, recém-criado, na parte que dizia respeito à História. Aceitei de muito bom grado o encargo e, de imediato, logrei enviar para Poitiers duas estudantes, justamente por ser a universidade que imediatamente nos propusera como parceiros nesse projeto. Corria o ano letivo de 1988-1989. E, desde novembro de 1995 a 1999-2000, acumulei essas funções com as de delegado do Conselho Diretivo para a supervisão dos programas ERASMUS/SOCRATES.

Hoje, aposentado há quase dez anos, continuo a receber mensagens de estudantes que incitei a irem passar um ano ou um semestre nas universidades com que rapidamente encetei relações. Desde muito cedo também, quando as disponibilidades financeiras eram maiores, associei a um dos programas Maria Manuela Tavares e, em boa hora o fiz, porque se há hoje um Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes é porque os Estudos Europeus, por seu intermédio, ganharam renome e grande pujança entre nós e no âmbito internacional.

Não se concebe, em 2017, o que foram esses primeiros 20 anos ERASMUS, porque se tratava de algo verdadeiramente inovador, desprovido de *skypes*, *WhatsApp* e mesmo de mui reduzida utilização da Internet e do telemóvel. Valia-nos o facto de os docentes das universidades parceiras serem conhecidos e amigos. Quanta vez não telefonei aos pais dos estudantes a garantir-lhes que os filhos estavam bem! E a facilidade que nos era proporcionada de fazermos reuniões ora numa ora noutra universidade permitia-nos trocar opiniões e ajuizar do que seria melhor para o futuro. O relacionamento pessoal desempenhou papel do maior alcance, bem secundado pelas estruturas universitárias, cujos responsáveis também acabávamos por conhecer e tudo se tornava, por isso, muito mais facilitado.

À fase inicial em que aos responsáveis era entregue também a gestão do financiamento, o que permitia maior maleabilidade de movimentos, viria a suceder, pela ordem natural das coisas, uma fase centralizadora, institucionalmente burocratizada e de menor capacidade financeira. Contudo, rapidamente se adoptaram outras formas de atuação, para encarar as novas situações e o programa, já encarado por muitos estudantes como fase normal da sua formação, ganhou ainda mais força, pela consciencialização ímpar que a experiência soube moldar. Por outro lado, a convivência com estudantes doutros países, que atentamente seguiam as suas aulas, levou também a que o programa passasse a ser visto mais positivamente pelos docentes, alguns dos quais começaram a propor intercâmbio igualmente a nível de docência, o que acarretou natural enriquecimento. Por seu turno, cada universidade, através dos seus cada vez mais estruturados serviços de relações internacionais, procuraram, por exemplo, criar estruturas de acolhimento no que dizia respeito à estada (sempre uma das questões mais complexas a resolver); e as famílias foram aceitando cada vez melhor essa temporária ausência dos filhos no estrangeiro, porque rapidamente compreenderam a sua valia.

Por tudo isso, foi para mim uma honra ter estado ligado intimamente aos primeiros passos que a UC deu nessa direcção, sendo hoje uma das mais procuradas e uma das que mais estudantes propõe para o programa. Trata-se, não tenhamos dúvidas, de uma experiência ímpar, que marca definitivamente a vida dos nossos estudantes, alguns dos quais acabam por fixar-se e constituir família nos países para onde foram. E o mesmo está a acontecer com quem vem para Portugal e não sente vontade nenhuma de regressar às suas origens.

* Docente na Faculdade de Letras da UC, ex-Coordenador ERASMUS

ERASMUS in the University of Coimbra: development and consolidation

Doctor Ludwig Scheidl, at that time President of the Board of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra (UC), asked me if I would care to coordinate the newly created ERASMUS Programme in the area of History. I gladly accepted this task and immediately thought about sending two students to the University of Poitiers, which had promptly invited us to be partners in this project. We were in the academic year 1988-1989. From November 1995 to 1999-2000 I assumed that role and the one of delegate of the Faculty Board to supervise the ERASMUS/SOCRATES programmes. Today, retired for almost ten years, I still receive messages from students that I encouraged to go abroad for a year or a semester to the universities with which I created links. In the early beginnings, when there were less budgetary restrictions, I invited Maria Manuela Tavares to join one of the programmes and rightly so as today because of her the Department of History, European Studies, Archaeology and Arts is one of the most proactive and renowned both nationally and internationally.

In 2017, it is hard to imagine how those first 20 years of ERASMUS were because it was something truly innovative without skype or WhatsApp and very limited access to Internet and cell phones. It was worth the fact that we, teachers at partner universities, knew each other and were even friends. I have lost count of the times I called parents ensuring them that their children were fine! And the easiness with which we held meetings at UC or at our partner universities allowed us to exchange points of view and ideas about what would be the best for the future. The interpersonal relationships played a major role, which was well supported by the university services, whose leaders we ended up meeting, and for that reason everything was much easier.

In the early beginning of the programme, the ERASMUS

coordinators were also responsible for the financial management, which allowed us greater flexibility. Then, following the natural order of things, a centralization phase started with a lower budget, highly bureaucratic and institutionalized features. However, new procedures were adopted soon to face the new challenges of the programme, which began to be understood by the students as a normal phase of their academic training. The programme was strengthened as the participants gained more experience and awareness over the years. On the other hand, the contact with students from other countries, who followed their classes attentively, created a more positive opinion about the programme among the teachers, who started to propose academic staff mobility projects that enriched the experience even more. On their turn, each university, through their ever evolving international offices, started to develop, for instance, welcome services to organize the stay of students and staff (always one of the most complex issues to deal with); families became also more receptive to the idea of having their children abroad temporarily as they quickly understood the added value of such an experience.

For all of this, it was an honour for me to be linked to the first steps that the UC took in that direction and which make it today one of the most wanted and popular among students. The ERASMUS programme is undoubtedly a unique experience that has a great impact on the lives of our students. Some of them end up settling down and starting their own family abroad in their hosting countries. And the same is true for the ones who come to Portugal and do not feel like going back to their origins.

* Lecturer at the Faculty of Arts and Humanities, former ERASMUS Coordinator

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO *

Jorge Veiga, a alma do ERASMUS

Não constituirá o mínimo exagero afirmar que foi a excepcional clarividência de Jorge Veiga, que, na sua qualidade de Vice-reitor para as Relações Internacionais, fez com que a Universidade de Coimbra se guindasse a um lugar cimeiro no âmbito das universidades que aderiram ao Programa ERASMUS.

Jorge Veiga teve a perceção clara do que isso iria representar para a formação de cada um dos estudantes contemplados, para a elevação e, até, credenciação internacional dos nossos docentes, daí redundando enorme prestígio para a Universidade.

Cedo se criou, pois, o Gabinete de Relações Internacionais (hoje, DRI), com uma dinâmica equipa liderada por Filomena Marques de Carvalho, ela própria uma entusiasta que rapidamente soube estabelecer parcerias. A fundação do Grupo de Coimbra, em 1985, é o resultado palpável desse empenho. E jamais esquecerei que Jorge Veiga fez questão de estar presente no meu doutoramento *honoris causa* na Universidade de Poitiers, justamente a primeira com a qual a Faculdade de Letras estabeleceu convénios. É que esse doutoramento simbolizava – acima de tudo! – o enorme apreço de Poitiers por tudo o que Coimbra estava a desenvolver.

* Docente na Faculdade de Letras da UC, ex-Coordenador ERASMUS

Jorge Veiga, the soul of ERASMUS

I must say, without reservation, that it was the exceptional clairvoyance of Jorge Veiga, in his capacity as Vice-Rector for International Relations, which put the University of Coimbra in the top spot of the universities that joined the ERASMUS Programme. Jorge Veiga saw clearly what it meant to the education and training of the participating students, to the upgrading and even international recognition of our teachers, thus raising the prestige and profile of the University.

As a result, soon the International Office (today the International Relations Unit) was established and teamed up with dynamic staff led by Filomena Marques de Carvalho, herself an enthusiast, who promptly set up several partnerships. The foundation of the Coimbra Group in 1985 is a tangible example of that commitment. And I will never forget that Jorge Veiga made sure to attend my *honoris causa* doctorate ceremony at the University of Poitiers, precisely the first university with which the Faculty of Arts and Humanities had established partnerships. That doctoral award symbolized – above all! – the huge appreciation of Poitiers for all that Coimbra was developing at the time.

* Lecturer at the Faculty of Arts and Humanities, former ERASMUS Coordinator



o programa ERASMUS

nas palavras de Rui de Alarcão *

O programa ERASMUS, criado em 1987, nasceu fundamentalmente como “programa de apoio inter-universitário de mobilidade de estudantes e docentes do Ensino Superior, dentro da União Europeia”.

Sempre me pareceu, neste âmbito, um projecto de internacionalização e de cooperação universitária europeia digno de registo e de louvor.

Com várias dimensões, ele apontava para novos rumos no ensino superior, indo na direcção certa, em que se olha o estudante como sujeito, e não propriamente como objecto, da educação. Por outro lado, visava contribuir para a construção de uma verdadeira União Europeia, reforçando a cidadania e ajudando a redefinir a Europa não só nos aspectos culturais, científicos e sociais, como também no tocante à sua compleição ou comportamento político.

É de salientar o apoio que a Universidade de Coimbra (UC), nos seus vários estratos, prestou à causa ERASMUS. E de elementar justiça relevar, na esfera da reitoria, o apoio decisivo do saudoso Vice-Reitor Jorge Veiga e da Dr.ª Filomena Marques de Carvalho, que actualmente coordena, com grande proficiência, o ERASMUS na Universidade conimbricense. Cumpre também pôr em relevo o papel que ambos tiveram no chamado “Grupo de Coimbra” (*Coimbra Group*), criado no meu reitorado, em 1985, e que se mostrou de grande préstimo,

designadamente no tocante ao desenvolvimento do ERASMUS. Terminados, em 1998, os meus mandatos reitorais, deixei de acompanhar institucionalmente o programa ERASMUS. Mas, tanto quanto sei, a UC continua a ocupar um lugar de grande impacto e realce no desempenho desse programa e na realização das suas numerosíssimas acções.

No concernente ao futuro, cabe salientar o que disseram, muito recentemente, o Presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker e o Comissário da Educação, Cultura, Juventude e Desporto, Tibor Navracsics. Segundo eles, o investimento no programa ERASMUS “é um investimento no futuro – no futuro de um jovem e da nossa ideia de Europa”. E acrescentam: “30 anos de mobilidade e cooperação deram à Europa uma geração de espírito aberto e empreendedora de nove milhões de pessoas, que estão hoje a modelar o futuro da nossa sociedade”. Um dado interessante, referido pela ESN (*ERASMUS Student Network*): “Mais de um milhão de bebés nascidos nos últimos 30 anos foram gerados por casais que se conheceram no âmbito do Programa ERASMUS”.

Há que encarar o futuro com fundada esperança.

* Antigo Reitor da Universidade de Coimbra (1982-1998)
Por vontade expressa do autor, o presente texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

the ERASMUS programme

by Rui de Alarcão *

The ERASMUS programme created in 1987 was designed essentially as an “inter-university support mobility programme for higher education students and teachers, within the European Union”.

It always seemed to me, in this respect, a project of internationalisation and European university cooperation worthy of praise.

With several dimensions, it showed new paths in higher education, going in the right direction, regarding students as subjects and not objects of education. On the other hand, it aimed at contributing to a true integration of the European Union, reinforcing citizenship and helping to redefine Europe not only in the cultural, scientific and social aspects, but also in what concerns its structure and political behaviour.

It is worth noting the support that the University of Coimbra (UC), at different levels, gave to the ERASMUS cause. And, at the rectorial level, it is only fair to refer the decisive support of our dearly remembered friend Vice-Rector Jorge Veiga and of Filomena Marques de Carvalho, who coordinates currently, with great proficiency, the ERASMUS programme at the University of Coimbra. Let me also highlight the role that both of them had within the Coimbra Group, created during my term of office as

rector, in 1985, which has proved to be very useful, precisely in the development of the ERASMUS programme.

After the end of my terms of office as rector, in 1998, I ceased to follow institutionally the ERASMUS programme. But, as far as I know, UC continues to play a leading role in the implementation of this programme and its multiple actions. As for the future, I would like to underline what the President of the European Commission, Jean-Claude Juncker, and the Commissioner for Education, Culture, Youth and Sport, Tibor Navracsics, said recently. According to them, the investment in the ERASMUS programme is “an investment in the future, the future of a young person and of our European ideals.” And they added that “30 years of mobility and cooperation gave Europe an open-spirit, entrepreneurial generation of 9 million people, who are today modelling the future of our society.” An interesting fact published by the ESN (ERASMUS Student Network): “More than one million babies in the last 30 years were born to couples who met within the scope of the ERASMUS programme.”

Let us look ahead to the future with plausible hope.

* Former Rector of the University of Coimbra (1982-1998)

AQVA





o programa ERASMUS

nas palavras de Joaquim Romero Magalhães *

Para um europeísta convicto, como é o caso, era uma esperança muito concreta de se conseguir crescer na integração dos países membros que assim conseguiam preservar a paz e aproximar-se no seu grau de desenvolvimento. E também se esperava o alargamento do domínio das línguas que a escolarização longe da origem ia exigir. Depressa se conseguiu que estudantes em um país ensimesmado como Portugal saíssem e se habituassem a vidas diferentes. Sei bem o que isso é, pois tive um filho na Alemanha e uma filha em França. Só ganharam com isso. É minha convicção que a ideia de Europa e de construção europeia cresceu mais com esta acção – ou acções em que se desdobrou – do que com outras políticas, como as económicas,

com o estafado liberalismo a tudo ameaçar. Para os estudantes foi uma abertura essencial para outras terras e outras gentes, de novidades e suscitando reflexões sobre realidades que podem reabrir rivalidades e implicar nacionalismos agressivos. Faça-se o que for preciso para o manter, seja que forma lhe queiram dar, que pertence a quem está no activo decidir. Se queremos Europa, se queremos essa unidade harmónica na diversidade, então há que persistir com estes programas integradores.

* Coordenador ERASMUS 1988-1996

Por vontade expressa do autor, o presente texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

the ERASMUS programme

by Joaquim Romero de Magalhães *

As a firm believer in the European Union, I had this very concrete hope that we would grow being part of a group of member countries able to preserve peace and achieve similar development levels. The increase of foreign language proficiency that would be required during the study periods abroad was another great expectation. Sooner than later, students from an introverted country like Portugal were going abroad and getting used to different ways of life. I know very well what that means: my son was born in Germany and my daughter in France. This brought great benefits for them. I strongly believe that the idea of Europe and European integration has grown more with this action – or actions in

which it has unfolded – than with any other policies, such as the economic ones or the fagged liberalism threatening everything. For students, this was a crucial opening to new territories, peoples, and novelties, making them more sensitive to contexts in which rivalries and aggressive nationalisms can reappear.

Those working with the programme should make whatever it takes to keep it, in whatever form. If we want Europe, if we want that harmonious unity in diversity, then we must keep these integrating programmes.

* ERASMUS Coordinator 1988-1996

OFICINA DOS SABERES

impressões

FÁTIMA VELEZ DE CASTRO *



programa de mobilidade erasmus+ para docentes conhecer a(s) europa(s) através das universidades europeias

Recebi há dias, de uma aluna, a seguinte mensagem: “(...) espero que corra tudo bem por aí e que a professora possa adquirir uma nova experiência, nós (alunos) agradecemos”. Eu estava, na altura, a realizar uma missão Erasmus+ para docentes, no Departamento de Geografia da Universidade Autónoma de Barcelona. São inúmeras as vantagens em adquirir experiência docente no estrangeiro. Além de podermos vivenciar realidades académicas diferentes, no que diz respeito a outras abordagens e práticas de ensino, temos oportunidade de contatar com a envolvimento social e cultural do “outro”. Não ganhamos apenas em termos letivos ou em capital de mobilidade, aspetos estes essenciais para o aperfeiçoamento da vida de um docente universitário. É que também enriquecemos como professores-investigadores, ao contatar com pontos de vista diferentes dos nossos, o que gera necessariamente uma abertura de horizontes no espectro da multiculturalidade, da tolerância e do profundo interesse em continuar a conhecer pessoas, lugares, comunidades, culturas e idiomas diferenciadores. Através do programa Erasmus+ para docentes, já tive oportunidade de lecionar em vários lugares do sul da Europa: *Universidad Complutense de Madrid*; *Université Panthéon – Sorbonne (Paris)*; *Universidad de Salamanca*; *Universitat Autònoma de Barcelona*. Em todas estas universidades tive o privilégio de viver experiências muito positivas, proporcionadas não só pelo excelente acolhimento por parte dos meus colegas e dessas mesmas instituições de ensino, como também pela simpatia e interesse dos alunos pelas aulas que lecionei, e do pessoal técnico, ao me ajudarem nos aspetos mais burocráticos da missão. Por isso, e já no próximo ano letivo de 2017/2018, espero ter oportunidade de repetir a experiência de docência na *Università di Bologna*, em Itália. Aproveito o final do meu testemunho para responder à minha estimada aluna: “Muito obrigada pela sua confiança. E sim, conto prosseguir o meu aperfeiçoamento docente através de experiências de mobilidade no estrangeiro. Também continuarei a recomendar aos meus colegas e alunos a participação no programa Erasmus+. Todos temos a ganhar!”.

* Docente no Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da UC (FLUC), Coordenadora ERASMUS da FLUC

erasmus+ mobility programme for teaching staff getting to know europe through european universities

A few days ago I received this message from a student: “(...) I hope that everything goes well around there and that you gain a new experience. We (students) thank you for that.” By that time I was in an Erasmus+ teaching mobility at the Geography Department of the Autonomous University of Barcelona. Teaching staff mobility abroad brings you several advantages. On the one hand, it gives you the opportunity to experience different academic practices, new approaches and pedagogic methods; on the other hand, you have the chance to get yourself acquainted with a new social and cultural environment. Gains go indeed far beyond the academic enhancement, which is so important to university teaching staff. It is indeed a very enriching experience for teachers and researchers. You get to know different perspectives, which open up your horizons towards cultural diversity, tolerance, new people, places, communities, cultures and languages. Through the Erasmus+ programme for teaching staff, I’ve had the opportunity to teach in different places in the South of Europe: *Universidad Complutense de Madrid*; *Université Panthéon – Sorbonne (Paris)*; *Universidad de Salamanca*; *Universitat Autònoma de Barcelona*. In all of these universities, I had the privilege of living highly positive experiences. I enjoyed the welcome not only of my colleagues, but also of the technical staff of the hosting institutions that helped me out with the paper work related to my teaching mobility. For that reason, I’ve already planned a new teaching staff mobility for the next academic year 2017/2018 at the *Università di Bologna*, in Italy. I take this opportunity to answer to my esteemed student: “Thank you very much for trusting me. And yes, I intend to continue with my academic enhancement by doing teaching assignments abroad. I’ll also recommend my colleagues and students to participate in the Erasmus+ programme. We all stand to gain from it!

* Lecturer at Department of Geography and Tourism, Faculty of Arts and Humanities of UC (FLUC), Faculty ERASMUS Coordinator

ANA RIBEIRO *

uma janela de oportunidade para investigação a window of opportunity for research

O nosso Laboratório explora sistemas químico-físicos e, na sua missão, assume a integração e *cross-linking* com grupos congéneres como fator primário de crescimento e de reconhecimento do trabalho desenvolvido na Universidade de Coimbra. A ligação do nosso grupo a outros grupos integrados em outras universidades parceiras através do programa ERASMUS tem sido uma oportunidade que considero de superior e substantivo interesse, pelo seu impacto em manter ativas todas essas colaborações desenvolvidas, revelando ser laboriosas e profícuas. Delas já resultaram alguns artigos publicados em revistas internacionais e numerosos trabalhos conducentes a graus de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. Além disso, abriu-se, assim, uma janela de oportunidade no sentido de continuar a desenvolver os projetos comuns e por esta via contribuir para uma melhor compreensão dos sistemas, proporcionando às comunidades científica e tecnológica alguns valores de parâmetros importantes para diferentes aplicações (e.g., medicinais e farmacêuticas).

* Investigadora/Docente no Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC

Our Laboratory explores physical-chemical systems and, in its mission, assumes integration and cross-linking with similar groups as the primary growth factor and recognition of the work developed at the University of Coimbra. The linking of our group to other groups integrated in other partner universities through the ERASMUS programme has been an opportunity that we highly value because of its impact on keeping all these collaborations active, industrious and fruitful. As a result some papers have already been published in international journals and numerous works leading to Bachelor, Master and PhD degrees have been developed. In addition, a window of opportunity was opened to further develop common projects and thereby contribute to a better understanding of the systems and provide the scientific and technological communities with important parameter values for different applications (e.g., medicinal and pharmaceutical).

* Researcher/Lecturer at the Department of Chemistry, Faculty of Sciences and Technology of UC

ALEXANDRE PEREIRA **

a minha experiência ERASMUS

A minha experiência ERASMUS começou no ano letivo de 1992/1993: como estudante na *Katholieke Universiteit Leuven* (Bélgica), fiz diversas disciplinas do LL.M em *European e International Law*. Por outro lado, enquanto docente da Faculdade de Direito, tenho tido alunos ERASMUS de vários países e colaboro, desde 2010, na Escola de Verão sobre *European Private Law*, da Universidade de Salzburgo (Áustria). Assim, o programa ERASMUS enriqueceu a minha formação académica tanto como estudante como docente, proporcionando-me novas competências científicas e pedagógicas, além de experiências humanas de diálogo cultural muito relevantes. A Europa e a cidadania europeia têm muito a ganhar com este programa.

* Ex-estudante UC, Docente na Faculdade de Direito da UC

my ERASMUS experience

My ERASMUS experience began in the school year 1992-1993 as a student at the *Katholieke Universiteit Leuven* (Belgium). I took several LL.M courses in European and International Law. On the other hand, as a teacher at the Faculty of Law, I have received ERASMUS students from several countries and, since 2010, I lecture at the Summer School on European Private Law at the University of Salzburg (Austria). The ERASMUS programme has enriched my academic training both as a student and as a teacher, providing me with new scientific and pedagogical skills, as well as with very relevant human experiences of cultural dialogue. Europe and the European citizenship have much to gain from this programme.

** UC Alumni and Lecturer at the Faculty of Law of UC



PEDRO GIRÃO *

experiências que mudam uma vida

Há momentos que mudam a nossa história. Quando, em 2010, fui estudar para o Rio de Janeiro, vivi um desses momentos. Podia falar do desafio de ter boas notas ou de negociar uma casa onde viver; mas foi nas pessoas maravilhosas que conheci, nas novas culturas com que contactei e nas primeiras viagens que fiz sozinho que se deu a grande transformação. De tal forma que foi para reviver a experiência – desta vez com um choque cultural (e térmico!) bem maior – que decidi ir para Praga, em 2012. Hoje, percebo que viajar é sentir e que um simples “olá” a um estrangeiro pode fazer toda a diferença. É a distribuir “olás” que me tenho dedicado desde então, mostrando o meu Portugal aos estrangeiros, na esperança de que eles o deixem com um olhar tão apaixonado como o meu.

*Ex-estudante UC – Faculdade de Economia

lifechanging experiences

There are moments that change our life story. When I went abroad to Rio de Janeiro in 2010, I lived one of those moments. I could talk about the challenge of getting good grades or of having to negotiate the price of the house where I lived; but it was indeed through the wonderful people that I met, the new cultures I found and the first trips I did on my own that the great change took place. In order to relive the experience – this time ready to challenge myself with a cultural (and thermal!) chock – I decided to go to Prague in 2012. Today I understand that travelling is feeling and that saying a simple “hello” to an unknown foreigner can make a world of difference. Since then I’ve been distributing “hellos”, showing my Portugal to foreigners, hoping that they go back home with heartening memories just like me.

*UC Alumni, Faculty of Economics



ANA PAULA COSTA-PEREIRA **

era uma vez

O ERASMUS foi, para mim, um verdadeiro “era uma vez”, se bem que, verdade seja dita, eu não fazia tenções de deixar o ninho e de partir para onde quer que fosse... Tinha 20 anos e sentia-me muito feliz em Coimbra, a minha cidade natal. Tinha um grupo de amigos fantástico e uma relação fabulosa com a minha família, mas conseguiram convencer-me a, pelo menos, explorar a ideia de passar tempo fora do país – afinal, não queria eu ser uma cientista na área do cancro?

Estávamos em 1993. Depois de numerosas visitas à dinâmica e visionária Divisão de Relações Internacionais, parti em direcção a Cork, na bonita Irlanda. Aí fiquei não por nove meses, mas por seis anos. Formei-me em 1995 e doutorei-me, em 1999, em Bioquímica, na *University College Cork*. Mantenho, ainda, contacto com professores, o meu orientador e colegas. Deixei em Cork parte do meu coração e alma, e sinto-me sempre grata quando a visito e me dizem “bem-vinda a casa”.

Vim para Londres em 1999, onde fiz um pós-doutoramento no que é agora o Instituto Francis Crick (naquela altura, chamava-se ICRF), sob a orientação do incrível Prof. Ian M. Kerr, um gigante da “sinalização das citoquinas”. Devo-lhe muito e alegra-me tê-lo como um dos meus amigos mais próximos. Sou líder de investigação e docente no *Imperial College London* desde 2005, líder de desenvolvimento de licenciaturas na Escola de Medicina desde 2015 e, desde 2016, diretora da licenciatura em Biociências Médicas, uma licenciatura nova que representa um novo paradigma no nosso ensino. Junto assim à minha paixão pela investigação no cancro, a paixão de educar a nova geração de investigadores de ponta.

Na verdade, graças ao ERASMUS também encontrei a minha alma gémea, Malcolm. É com ele e com as minhas lindas crianças, Fiona e James, que partilho a minha vida e sonhos. E não posso estar mais grata ao ERASMUS do que estou.

** Ex-estudante da UC, Chefe de Grupo e Docente do Departamento de Cirurgia e Cancro da Faculdade de Medicina do *Imperial College London* (Reino Unido)

once upon a time

The ERASMUS was a true “once upon a time” for me and yet, in truth, I had no intention to leave the nest and go anywhere... I was 20 years old and very happy in my home town, Coimbra. I had a great group of friends and an amazing relationship with my family but they managed to convince me that I should at least entertain the idea of spending some time abroad – after all, did I not aspire to be a cancer scientist?

It was 1993. After many visits to the dynamic and outward facing International Relations Unit in Coimbra I was off to Cork in beautiful Ireland. There I stayed, not for nine months as initially planned but for six years. I graduated from University College Cork with a BSc in Biochemistry in 1995 and with a PhD also in Biochemistry in 1999. I am still in contact with a couple of lecturers and my PhD supervisor, as well as some colleagues. I left a bit of my heart and soul there, and I feel very grateful when I visit and I hear ‘welcome home’.

I moved to London in 1999, where I joined what is now The Francis Crick Institute (in those days it was the old ICRF) under the mentorship of the amazing Prof. Ian M Kerr, a giant in the world of ‘cytokine signalling’. I owe him much and I feel fortunate to have him amongst my closest friends. I have been a research team leader and lecturer at Imperial College London since 2005, the School of Medicine Head of Undergraduate Programme Development since 2015 and Head of BSc Medical Biosciences, a brand new biomedical sciences undergraduate degree that represents a complete shift in our current teaching paradigm, since 2016. I have now, therefore, added to my long-standing passion for cancer research, the passion for educating the next generation of cutting edge scientists.

Ultimately, thanks to the ERASMUS I also met my soul mate, Malcolm. It is with him and my two beautiful children, Fiona and James, that I share my life and dreams. And I could not be more grateful for all the ERASMUS has given me.

** UC Alumni, Group Leader and Senior Lecturer at Imperial College London (UK), Faculty of Medicine, Department of Surgery & Cancer

a minha experiência como estudante ERASMUS nos Países Baixos

ISABEL DIAS *

Cheguei à Holanda a 5 de Janeiro de 1996, depois de uma viagem de autocarro longa e cansativa, que me deixou exausta. Jurei que numa viagem como aquela, não voltaria a usar esse meio de transporte.

Não era a primeira vez que estava naquele país. Já lá estivera antes, com uma bolsa de verão, mas desta vez a coisa era mais séria – ia para estudar e não podia falhar.

Tinham-me dito que se falhasse, teria de repor o dinheiro da bolsa. Verdade ou não, dediquei-me ao estudo. A primeira coisa que notei foi que o sistema de ensino era completamente diferente. Só para dar um exemplo, a avaliação era mais focada em trabalhos de investigação do que em exames. O ano letivo era dividido em blocos de mais ou menos dois meses, depois dos quais tínhamos um mês para fazer os trabalhos. Éramos aconselhados a não frequentar mais do que três cadeiras por bloco.

Num sistema tão diferente, o ponto-chave era a adaptação. Ganhei essa batalha. Percebi que se pode aprender, apesar das diferenças linguísticas e dos distintos sistemas de ensino. Havia outras batalhas. Obtenção de materiais em *braille*, que só

eram produzidos em Amsterdão. Pensei que a Universidade de Utrecht tinha um gabinete de apoio a deficientes como havia em Coimbra. Esse sistema era pouco prático e moroso, por isso tive de recorrer a outros meios como gravações e leituras feitas pelos meus amigos. Mas havia uma boa biblioteca que tinha todos os livros em *braille* de que precisava e que me enviavam pelo correio. Ainda hoje sou membro dessa biblioteca.

Havia, contudo, outras adaptações. O clima foi para mim talvez o mais difícil, mas havia a gastronomia, a aprendizagem da língua, a aprendizagem dos trajetos (era muito importante conhecer a cidade), a mentalidade das pessoas, o estar longe de casa durante tanto tempo... Todos esses desafios consegui vencer. Aprendi a lidar com pessoas de culturas completamente diferentes, porque lá conheci meio mundo e aprendi muito de línguas estrangeiras. Em minha casa, só falávamos inglês, e em algumas aulas só falávamos holandês. Toda esta aprendizagem e experiência me ajudam muito em trabalhos de tradução. Esta é uma experiência que nunca irei esquecer.

* Ex-estudante UC – Faculdade de Letras

my experience as an ERASMUS student in the Netherlands

ISABEL DIAS *

I arrived in the Netherlands on fifth of January 1996 after a long, tiring and sleepless trip by bus. My body was so broken that I promised myself I would never make such kind of trip again. This was not my first time in that country. I had already been there before, when I got a summer scholarship. Yet, this time I took things more seriously, I went to study and I couldn't fail. I had been told that if I was not successful, I had to give the scholarship money back. Whether this was true or not, I studied hard. First of all, I noticed that the school system was completely different. For instance, we were assessed based on research works rather than on exams. The school year was divided in blocks. Each block lasted about two months, and then we had about a month to complete the assignments. We were advised not to attend more than three subjects by block.

In such a different system, the key point was adjustment. I won this battle. I realized that we can learn in spite of different languages and different school systems.

There were other challenges: getting documents in *braille*, which were produced in Amsterdam. In Utrecht university there was not a center to support disabled people. We have

a good one in Coimbra. I had to face this problem through readings and recordings made by my friends. However, there was a good library. Fortunately, there were all the books in *braille* that I needed. They were sent to me by post. I am still a member of this library today.

There were yet other challenges. The most difficult one was perhaps the climate. I missed our sun all the time... But there were other challenges: the food, learning the language, knowing the directions, the pathways, (it was very important to be familiar with the city). I learnt to understand different mindsets. It was a strange feeling being far away from home for such a long time... I won all these battles.

I learnt how to deal with people from completely different cultures. I met people from almost every corner of the world there and I improved my knowledge of foreign languages. At my place we spoke only English and in some classes we could only speak Dutch. The whole learning experience is very useful for me especially in works of translation.

I'll never forget this experience.

*UC Alumni, Faculty of Arts and Humanities



Casa da Lusofonia: onde o mundo se encontra

DIVISÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Casa da Lusofonia é um espaço situado no Polo I da Universidade de Coimbra (UC), que tem como missão facilitar a criação de pontes entre os estudantes nacionais e internacionais da UC.

O conceito de *International Student Lounge* está na base da sua conceção, traduzindo-se num ponto de encontro entre todos os estudantes que, independentemente da sua nacionalidade, querem dar uma dimensão internacional ao seu futuro. Todos eles encontram na Casa da Lusofonia da UC um espaço de atendimento da Divisão de Relações Internacionais capaz de responder às questões ligadas aos seus projetos de mobilidade.

Paralelamente, é a sede das sete associações de estudantes de países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Timor Leste. A Casa da Lusofonia conta também com a colaboração da Associação de Estudantes ERASMUS (*ERASMUS Student Network* – ESN) e da Associação Académica de Coimbra (AAC).

Além de melhorar as condições de trabalho das associações e o acolhimento e integração de novos estudantes internacionais, a Casa da Lusofonia visa facilitar a partilha cultural entre as associações de estudantes lusófonas, estudantes portugueses e estudantes internacionais. Serve, também,

como espaço para a realização de iniciativas conjuntas que estimulem a interação entre os estudantes internacionais da UC, tais como, exposições, projeções de filmes, debates, mostras culturais, artísticas e gastronómicas, *workshops*, entre outros, dispondo para isso de uma sala de reuniões e um espaço polivalente.

Numa tentativa de prestar cada vez melhores serviços à comunidade académica, em geral, e aos estudantes internacionais, em particular, a Divisão de Relações Internacionais desenvolveu uma parceria com o Serviço de Estrangeiros e



Fronteiras (SEF) que permitiu a instalação de um posto de atendimento personalizado naquele espaço. Uma experiência totalmente inovadora a nível nacional que agiliza em larga escala o apoio prestado à nossa comunidade académica. Na Casa da Lusofonia são

atendidos anualmente mais de 3000 estudantes de cerca de 90 nacionalidades diferentes, transformando-se, assim, num espaço de partilha e comunicação intercultural único, e concretizando o ideal de universidade global visado pela estratégia de internacionalização da UC.

Casa da Lusofonia: a multicultural meeting point

INTERNATIONAL RELATIONS UNIT

Casa da Lusofonia (CLUC) is a place located in the Campus I of the University of Coimbra (UC) that aims to facilitate the creation of links between the national and the international students of UC.

CLUC was designed based on the idea of an international student lounge, a meeting point, for students of different nationalities who wish to internationalise their curriculum.

There students find the front-office staff of the International Relations Unit of UC ready to help them with a variety of issues related to incoming and outgoing mobility.

Simultaneously, CLUC is the head office of the unions of the Portuguese-speaking students from: Angola, Brazil, Cape Verde, Guinea Bissau, Mozambique, Sao Tome and Principe and East Timor. It counts also on the collaboration of the ERASMUS Student Network (ESN) and of the UC Students' Union (AAC – Coimbra Academic Association).

Besides the improvement of the working conditions of the students' unions and the welcome and integration of newly arrived international students, CLUC aims to promote the cultural exchange between Portuguese-speaking student

unions, Portuguese students and international students. With the aim of promoting the development of joint initiatives and intercultural communication among UC international students, CLUC offers them a dedicated room for working meetings and a multipurpose hall for exhibitions, workshops, colloquia, round-tables, and other cultural activities.

In order to provide better services to the academic community, in general, and to the international students, in particular, the International Relations Unit developed a partnership with the Foreign Office (SEF) which allows SEF officers to give customized assistance to users at CLUC. This is an innovative experience at national level which has expedited the providing of this type of services in large scale to the academic community.

CLUC welcomes annually more than 3000 students of 90 different nationalities, which makes it a unique place of intercultural exchange and communication – one of the aims of the UC internationalisation strategy in line with its globally engaged university ideal.



33

RL #49 | OFICINA DOS SABERES
ribalta

desenhando trajetórias através de línguas e culturas

CLARA KEATING *
OLGA SOLOVOVA **
ANABELA FERNANDES ***
JOANA CORTEZ-SMYTH ****

A mobilidade, as línguas, a aprendizagem: ser e fazer ERASMUS numa língua estrangeira

Quem participou em intercâmbios ERASMUS sabe bem como a mobilidade é uma experiência transformadora e inesquecível. Saímos do nosso lugar físico e simbólico e movemo-nos para outros lugares onde se jogam e reinventam as nossas identidades como pessoas, estudantes, novos falantes em paisagens e línguas estranhas. Sobreviver nestes contextos implica atravessar fronteiras físicas, sociais, culturais, e principalmente linguísticas. Uma vez vivida, parece até que a mobilidade passa a ser um novo modo de ver a realidade e de se estar num mundo onde os espaços se tornam cada vez mais complexos, sobrepostos, comprimidos, simultaneamente locais e globais. É isto que a mobilidade ERASMUS faz: não só nos obriga a apercebermo-nos da imensa diversidade de línguas e famílias linguísticas neste espaço da Europa, mas também nos desafia a repensar no que consiste aprender línguas estrangeiras.

Não é novidade dizer que a aprendizagem de línguas estrangeiras saiu da sala de aula para a rua nos últimos anos: tendo passado do papel e lápis para plataformas eletrónicas, navega agora nas aplicações para os dispositivos móveis, levados nas mãos e nas mochilas dos estudantes. Hoje, aqui e agora, à espera ou em movimento, desbravam-se percursos culturais e linguísticos com a ajuda destes dispositivos, sem nos darmos conta da sua imensa contribuição nas aprendizagens feitas por incidente. Na realização de tarefas concretas do dia a dia, os dispositivos, como o telemóvel e suas aplicações, potenciam a forma como exploramos os novos espaços em que vivemos – seja eles físicos, simbólicos e virtuais. Por isso mesmo, há que dar devida atenção a estes objetos, pois parecem funcionar como uma extensão do humano, agindo entre o lugar, o corpo e a mão que toca no ecrã.

Aprender línguas estrangeiras está intrinsecamente ligado à atividade da comunicação. Ambas se desenham em trajetórias tangenciais e não lineares – hoje em dia, simultaneamente *online* e *offline* – que necessitam de ser exploradas. Na mobilidade internacional, aprender a língua da universidade de acolhimento passa em grande parte por improvisar formas de lidar com os espaços pessoais, educativos, culturais e sociais

em que nos situamos – e nessa negociação, apercebermo-nos desses espaços e de nós próprios neles, assim como dos recursos linguísticos que fazem essa mediação. O desafio coloca-se, assim, em associar a aprendizagem da língua estrangeira ao desenvolvimento das nossas identidades linguísticas, históricas e culturais, como novos falantes de línguas e pessoas em movimento.

Estes são alguns dos temas que se colocam desde 2015 no projeto *Incidentally Learning Other Cultures and Languages through an App* (ILOCALAPP), com vista a criar uma aplicação móvel (UniOn) para *smartphones* e *tablets* nas línguas italiana, finlandesa, polaca e portuguesa. Explicitamente orientada para estudantes internacionais, o uso da aplicação em contextos geolocalizados irá permitir ativar pistas de orientação para a sobrevivência na vida estudantil das universidades e das cidades de acolhimento. Assim, para cada lugar geolocalizado na Universidade de Coimbra (UC), a aplicação oferece dados linguístico-culturais que permitem, não só situar o património histórico-cultural e social daquele lugar, como dar dicas para situações comunicativas autênticas em português, a usar conforme a trajetória desenhada de forma única por cada utilizador. Esta ferramenta contribuirá também para atravessar as diferenças culturais nas atividades do quotidiano.

Mas há mais: a aplicação UniOn aparece na continuidade da plataforma digital E-local, aberta a todos os estudantes da UC. Resultando de projetos ERASMUS+ coordenados pela Universidade de Bolonha e com parceria do Centro de Estudos Sociais da UC, estas iniciativas respondem à preocupação com a aprendizagem de línguas na mobilidade ERASMUS, como também tornam visíveis aspetos da diversidade de culturas e línguas menos usadas nas universidades europeias.

* Docente na Faculdade de Letras,
Investigadora no CES – Centro de Estudos Sociais,
coordenadora principal da equipa UC do projeto ILOCALAPP
** Investigadora no CES,
coordenadora executiva da equipa UC ILOCALAPP
*** Docente na Faculdade de Letras, Investigadora
no CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século 20,
membro da equipa ILOCALAPP
**** Docente na Faculdade de Letras,
Investigadora no CES – Centro de Estudos Sociais,
membro da equipa ILOCALAPP

drawing trajectories through languages and cultures

CLARA KEATING *
OLGA SOLOVOVA **
ANABELA FERNANDES ***
JOANA CORTEZ-SMYTH ****

Mobility, languages and learning: being and doing ERASMUS in a foreign language

Those who have spent an ERASMUS exchange period of studies abroad know well that being mobile is a transforming and unforgettable experience. We move out of our physical and symbolic place to other places where we reinvent our identities as persons, students, speakers in new strange landscapes and languages. Surviving in these contexts implies the overcoming of physical, social, cultural and most importantly linguistic barriers. Once lived it seems that the mobility experience becomes a new way of seeing the reality and of being in a world where the places become increasingly more complex, overlapped, compressed and simultaneously local and global. This is what the ERASMUS mobility does: it makes us aware of the great diversity of languages and linguistic families within Europe and it challenges us to rethink what it means to learn foreign languages.

There is nothing new about the fact that the learning of foreign languages got out of the classroom into the streets over the last couple of years. Electronic platforms have substituted the paper and pencil and language learning is done through applications for mobile devices carried on the hands and bags of students everywhere they go. Today, here and now, standing or moving, we discover new cultural and linguistic paths with the help of these devices, without noticing the huge contribution they make to learning almost by incident. In daily routine tasks, devices such as the mobile phones and their applications capitalize the way in which we explore the new places where we live physically, symbolically or virtually. For that reason, we should pay more attention to these objects, which seem to work as human body extensions acting between the place, the body and the hand that touches the screen.

Learning languages is intrinsically linked to communication. Nowadays, both activities are drawn in tangential, not linear, trajectories (simultaneously online and offline), which need to be explored. During a mobility period abroad, learning the language of the host university owes much to improvising ways of dealing with personal, educational, cultural and social spaces where we move – and in that negotiation, we become

conscious of those spaces and of ourselves therein. We also become aware of the linguistic resources that make that mediation. The challenge is then to associate the learning of a foreign language with the development of our linguistic, historical and cultural identities as speakers of new languages and mobile individuals.

These are some of the themes explored since 2015 in the project “Incidentally Learning Other Cultures and Languages through an App” (ILOCALAPP) with the aim of creating a mobile application (UniOn) for smartphones and tablets in Italian, Finish, Polish and Portuguese languages. Explicitly oriented to international students, the use of the application in geo-localized contexts will prompt the activation of hints and tips about the student life at the host universities and cities. For instance, for each geo-localized place in the University of Coimbra (UC), the application provides linguistic and cultural data about the historical, cultural and social heritage of that place, as well as tips for authentic, real life communication situations in Portuguese language, to be used according to the trajectory drawn by each individual user. This tool will also contribute to overcome daily life cultural differences.

But there is more: the UniOn application is a follow-up of the former digital platform E-local opened to all UC students. With the support of the ERASMUS+ programme, these initiatives, coordinated by the University of Bologna in cooperation with the UC Centre for Social Studies, respond to the needs related to the learning of foreign languages in the ERASMUS student mobility. These initiatives make also visible aspects of the diversity of the cultures and languages less used in the European universities.

* Lecturer at Faculty of Arts and Humanities,
Researcher at CES – Centre for Social Sciences,
ILOCALAPP project coordinator at UC
** Researcher at CES – Centre for Social Sciences,
ILOCALAPP team executive coordinator at UC
*** Lecturer at Faculty of Arts and Humanities, Researcher at
CEIS20 – Centre for 20th Century Interdisciplinary Studies,
ILOCALAPP project team member
**** Lecturer at Faculty of Arts and Humanities,
Researcher at CES – Centre for Social Sciences,
ILOCALAPP project team member



Filomena Marques de Carvalho

MARTA POIARES

"O programa ERASMUS transformou e continua a transformar o mundo"

Trinta anos do Programa ERASMUS na Universidade de Coimbra (UC) contam-se pelos dedos de uma história de entusiasmo, passos acertados com a revolução, uma Europa em crescimento e uma nova geração em ascensão. Pelo menos, se o ouvirmos na voz de Filomena Marques de Carvalho, Chefe da Divisão de Relações Internacionais e Coordenadora Institucional do Programa ERASMUS na UC. À frente do desafio desde a primeira hora, diz ter sido essencial a humildade de se saber que nada se sabia e garante que a mobilidade continuará a ser o grande cerne da internacionalização. Quanto ao futuro do programa universitário que mais dá que falar, também a certeza lhe passeia na voz: o ERASMUS foi – e é – o projeto de maior sucesso na Europa e continuará a transformar o mundo.

Portugal está integrado no programa ERASMUS desde o seu lançamento, em 1987, pela Comissão Europeia. Como é que foi visto pela UC quando começou?

Com muito entusiasmo. Vivia-se em Portugal uma fase muito interessante, sob o ponto de vista histórico e político. Todas as oportunidades eram encaradas com otimismo. Na UC, tivemos a sorte de ter pessoas que acompanharam esse entusiasmo e essa abertura. Foi a primeira universidade a posicionar-se, fruto dos contactos prévios que tinha.

Refere-se ao Grupo de Coimbra?

O Grupo de Coimbra é uma questão extremamente interessante. Em 1985, a propósito dos 20 anos do seu Serviço de Relações Internacionais, a Universidade de Louvain-la-Neuve convidou universidades com características idênticas, onde estava incluída a UC, para discutir a internacionalização. E esse foi o primeiro passo para uma internacionalização moderna, porque internacional a UC sempre foi – mesmo na altura em que, sob o ponto de vista político, as portas se fecharam. Mas para essa internacionalização ser bem estruturada, precisava de um conjunto de requisitos que não havia na altura.

Foi esse o grande impulso?

Foi aí que começou a dinâmica para criar algo. Quando o programa ERASMUS apareceu, já estávamos a trabalhar em rede e a conceber um projeto que iria ser uma espécie de um ERASMUS. Sabíamos que para trabalhar entre as universidades de uma forma mais estruturada, o ideal seria fazer mobilidade de estudantes e de professores. E fomos a primeira universidade portuguesa a ter um Serviço de Relações Internacionais, ainda que com 20 anos de atraso em relação aos nossos parceiros europeus. Fui eu que tive essa criança nos braços – criei o serviço e foi a mim que me foi lançado o desafio. Era um projeto muitíssimo difícil, porque era tudo novo. O que me ajudou foi a humildade de saber que nada sabia e de querer aprender com quem sabia mais.

Surgiu, depois, a Rede de Utreque.

A Rede de Utreque ajudou-nos a operacionalizar a mobilidade, porque enquanto o Grupo de Coimbra era (e continua a ser) uma rede com outra abrangência, esta tinha na sua génese a mobilidade estudantil. E uma coisa tão simples como uma *application form* era-nos completamente desconhecida. Aí, deu-se algo caricato: eu estava a dar os primeiros passos, ávida por aprender, mas em Portugal era a perita [risos]. Mas, de uma maneira geral, em Portugal, as universidades conseguiram aderir rapidamente. Era uma oportunidade fantástica.

Acabava por ser a cara das Relações Internacionais. Era uma grande responsabilidade?

Era. Mas a vontade também. Sou uma pessoa otimista e tive a sorte de ter pessoas que confiavam em mim. Isso deu-me uma responsabilidade acrescida – tive mesmo de avançar.

Tinha um bom grupo de trabalho?

Tinha um grupo pequeníssimo de trabalho. Era eu e mais uma pessoa, praticamente. Foi aumentando, mas muito devagarinho. Mas, embora tivesse essa possibilidade, nunca quis ter uma grande equipa. Não era essa a minha ambição. Era ir construindo à medida do que fosse necessário construir, para poder dar uma resposta coesa e consistente. Tivemos de aprender muito, mas sempre com a ideia de que era um benefício para os nossos estudantes.

E para toda a Universidade.

Sim, a mobilidade é o grande cerne da internacionalização, obrigando as universidades a dar um conjunto de passos que as reformam por completo. Costumamos dizer que as Relações Internacionais (RI) são uma espécie de laboratório para aquilo que depois se vem a introduzir no Ensino Superior, no seu conjunto – é nas RI que as coisas começam a germinar. Um bom exemplo disso é o Sistema Europeu de Transferência de Créditos (ECTS): começou especificamente para a mobilidade e agora é o sistema nacional de créditos em Portugal, na Europa, e em muitos países fora da Europa.

Surgiram, no início, algumas vozes críticas a reforçar o argumento económico, que o põe como exclusivo de uma minoria, e os que o incluem na categoria de “turismo universitário”. Que lhes responde?

Quando algo é bom é sempre polémico. Agora, no ERASMUS, tudo depende da atitude de cada beneficiário. Se um beneficiário quer ir unicamente para fazer turismo, claro que vai fazê-lo. Se quer ir para fazer as duas coisas, o meu conselho é que as faça. Mas é claro que, quando se fala em fazer o equivalente, há ainda algumas pessoas que entendem que isso vai “aniquilar” o plano curricular e a formação do estudante. É uma opinião respeitável como outra qualquer, com a qual, obviamente, não concordo. Isso não é bem o espírito do programa ERASMUS, nem sequer determinante numa universidade.

E a questão económica, que muitos dizem torná-lo exclusivo de uma minoria?

O programa tem ajudado, até, a que tudo seja encarado

com outra seriedade. A ideia do pressuposto do ERASMUS é que o estudante receba o diferencial do que gastaria cá. O programa paga a viagem, paga o subsídio de deslocação, isto é, o excesso de custo de vida, mas é evidente que as pessoas têm de se orientar e de ter um conceito e um princípio de vida que as levam a atingir – ou não – os seus objetivos.

Depende muito da motivação?

Sim, há um esforço que tem que ver com aquilo que a pessoa quer. Conheço muitas pessoas com muitas possibilidades que nunca quiseram fazer ERASMUS. Não deixa de não ser verdade que é caro, e, infelizmente, a diferença do custo de vida entre o nosso país e os outros ainda é grande. Mas, com uma boa programação, com uma boa orientação, consegue-se. Já há uns anos que o próprio Ministério da Educação ou do Ensino Superior, consoante a designação de cada governo, apoia, financeiramente, com uma bolsa adicional, estudantes que têm comprovadamente dificuldades financeiras. Também isso é importante. E agora o processo está facilitado: um estudante que seja bolseiro cá é automaticamente elegível para ter essa bolsa suplementar. Portanto, não é por aí que o estudante deixa de ir.

Os estudantes de hoje são menos aventureiros?

Têm algum medo de correr riscos, estão muito instalados. No caso particular de Coimbra, é ainda mais complicado, porque é muito fácil viver aqui, neste espaço de conforto. Mas a introdução dos estágios no novo Erasmus+, que são períodos mais pequenos e que podem até ser conciliados com as férias, veio ajudar a que o estudante tenha a liberdade – e a possibilidade – de sair depois de terminar qualquer ciclo. É importante que as pessoas saibam que o programa abrange até ao fim do doutoramento. Essa possibilidade oferece muito mais dinâmica ao processo.

O financiamento é também um risco?

É a nossa principal preocupação. As bolsas não nascem do nada, tem de se fazer um trabalho cuidadoso e rigoroso para conseguir a aprovação da candidatura e, consequentemente, obt er os apoios financeiros. Este ano, já sabemos que as nossas candidaturas foram aprovadas, tendo tido um financiamento até melhor do que no ano passado. Mas noutros anos, quando os estudantes estavam a terminar todo o processo, ainda não havia a indicação do montante do financiamento. No entanto, nunca digo a um estudante que não vai ter apoio financeiro. Em princípio, vai ter.

Os melhores têm sempre?

Os alunos são seriados nas faculdades com base no mérito académico, portanto os melhores alunos têm sempre um apoio financeiro. Não temos outro critério a não ser quando há uma questão de empate.

Quando um aluno tem dificuldades...

Exato. O mérito, as dificuldades... e a língua. Se há dois que estão em igualdade de circunstâncias, o critério da língua também pesa – se um aluno sabe a língua do país de destino, tem prioridade sobre o que não sabe e quer ir para esse

mesmo país. Por vezes, essa questão fá-los vacilar um pouco e desistir. No fundo, o problema maior é que não sabem exatamente o que querem. Quando sabem o que querem e experimentam... entusiasma-me.

Continua a ficar emocionada a ouvir testemunhos dos “seus” estudantes?

Sempre. É um mundo imparável de oportunidades onde, por mais voltas que se dê, faz gostar ainda mais do seu país e da sua Universidade.

De 25 alunos ao abrigo do programa ERASMUS, passaram para 800. Quais as principais alterações desde o início do programa? São bastantes. O programa começou com os chamados *International Cooperation Programmes* (ICPs), integrados apenas numa área específica, como História, Geografia, etc., e que tinham um professor coordenador, de uma determinada universidade. Esse grupo de quatro ou cinco professores juntava-se e concorria a um ICP, cujo financiamento vinha de Bruxelas. Mas era muito residual – eram dois ou três estudantes que podiam ir de mobilidade, pois só beneficiavam do programa os estudantes que tinham a sorte de ter professores já com um cariz internacional e com bons contactos.

E como se desenvolveu na UC?

Tivemos a grande sorte de ter pertencido logo a um ICP completamente diferente, coordenado pela Rede de Utreque, que atuava em todas as áreas de estudo e que coordenei na UC. Com o beneplácito da reitoria, propus que aquele ICP contemplasse essencialmente as áreas que não tinham nenhuma hipótese de mobilidade – fundamentalmente da Faculdade de Ciências e Tecnologia – e houve muitos estudantes que puderam ingressar nessa experiência. Esse programa foi de tal maneira inovador, que foi contemplado com o Prémio ERASMUS pela Comissão Europeia.

O facto de não se cingir a uma área de estudo específica fez logo a diferença.

Fez muita diferença. Nas RI, começámos logo a apoiar e a estruturar a questão e, entretanto, rapidamente se passou para o programa centralizado. A Comissão Europeia decidiu, então, que sendo já ingovernável para eles, em vez de estar a fazer pequenos contratos, passaria a fazer contratos institucionais. Cada universidade tinha de mostrar que cumpria um conjunto de requisitos, candidatando-se a uma “chave” para entrar no programa.

Foi essa a grande “revolução” ERASMUS?

Foi impressionante. Dos momentos mais difíceis da minha vida, em que fiquei completamente sozinha a fazer uma candidatura institucional numa altura em que não havia as facilidades de comunicação que há agora. Aprovada a candidatura foi preciso criar toda uma estrutura interna que possibilitasse uma boa organização e capacidade de resposta. Portanto, formou-se uma rede entre coordenação institucional, que éramos nós, e a coordenação de cada faculdade tutelada pelo Vice-reitor para as RI, que ainda hoje se mantém.

Uma estrutura mais fluida?

E mais fácil. As decisões eram tomadas entre nós com bastante facilidade, porque as coisas eram organizadas da melhor forma possível. Foi uma estrutura que mexeu com a própria Universidade.

Qual o maior desafio?

A internacionalização interna. Muitas vezes, é mais fácil trabalhar com o exterior do que trabalhar internamente. Isto tem implicações com a gestão financeira, com a gestão académica, com a organização de toda a estrutura da Universidade. Precisamos de ser capazes de dar resposta com qualidade, de acordo com as regras. Não as entendemos só, nós comprometemo-nos a. Perante a Comissão Europeia, temos um conjunto de compromissos que temos de cumprir. Todo este processo levou-nos a desenvolver estruturas de apoio, até para os estudantes que vêm, para termos a capacidade de atração que continuamos a ter.

A UC recebe muitos estudantes?

Recebemos praticamente o dobro de estudantes relativamente aos que saem. E não temos cursos em língua inglesa, praticamente. Por isso, investimos desde sempre no ensino do Português para estrangeiros, e somos muito bons nessa área. Agora, a Comissão Europeia desenvolveu a possibilidade de os estudantes fazerem a formação linguística *online*, antes de sair, que também já contempla o Português.

Facilita um pouco mais a adaptação.

Ajuda. Temos desenvolvido muitas estratégias e boas práticas que ajudam a essa adaptação: o programa GPS, o *Buddy*, etc. Algo que está muito presente até na estratégia do atual Reitor é que a UC seja reconhecida como uma das melhores universidades a ensinar em português.

Em 2014, surge o Erasmus+. Que mudanças trouxe?

Poucas. Talvez nos dê uma visão ainda mais global, pois possibilita que as universidades se candidatem a receber e a enviar estudantes para fora da Europa, para os chamados “países parceiros”. Esse alargamento começou com o ERASMUS *Mundus*, que agora está também integrado no programa Erasmus+.

Mas a mobilidade continua a ser a matriz.

Sim. A mobilidade ERASMUS é uma mobilidade com qualidade: deve seguir sempre um conjunto de regras, ter programas de estudo transparentes, em várias línguas, e com qualidade em todos os procedimentos que a envolvem. Isso é fundamental.

Nestes 30 anos de programa ERASMUS, as grandes alterações prenderam-se quase sempre com uma maior expansão?

Sim. Alargar e melhorar, sempre. Mas cumprindo sempre as regras.

Não há uma burocratização cada vez mais excessiva?

Há, de facto, regras que são perfeitamente incompreensíveis para quem está a fazer uma gestão de um programa no âmbito universitário. Há cargas burocráticas ridículas: por exemplo, como é que ainda se obriga a incluir *boarding cards* nos relatórios? Há coisas assim, perfeitamente desajustadas.

Essas críticas fazem-se ouvir?

Sim, por exemplo, dentro da rede do *Coimbra Group* fizemos críticas construtivas aos retrocessos que tem havido nos programas, nomeadamente no impacto negativo da descentralização de algumas ações.

Como por exemplo?

Como a falta de financiamento que existe no *International Credit Mobility*, dentro do Erasmus+, para a América Latina. É um retrocesso completo. De repente, são mais importantes os *neighbouring countries*, mas, neste momento, numa fase de conflito, não temos condições para estar a fazer intercâmbios com esses países. Não vou aconselhar um estudante a ir para estes destinos. Por muito interessante que seja, a pessoa também tem de ter noção dos riscos associados.

Um programa como o ERASMUS tem objetivos claros de mobilidade educativa e cultural. Que outros objetivos estão na sua génese? Penso que o que presidiu foi ter as pessoas como um fator importantíssimo para a construção europeia. E, claro, nada melhor do que promover mobilidade de jovens para que isso pudesse acontecer. Falava-se – e ainda se fala – muito na dimensão europeia, para que se começasse a perceber o significado do espaço europeu. Acho que isso foi absolutamente cumprido. Aliás, o programa ERASMUS fez mais pela Europa do que qualquer outra coisa. Depois, foi também a evolução do tecido empresarial. As pessoas começaram a perceber que os fundamentos teóricos são muito importantes, mas que há outras competências para o mercado de trabalho que são tão ou mais importantes.

Como a tão falada “inteligência emocional”?

Exato. Uma das coisas que vou sempre ver aos currículos é o que a pessoa fez além daquilo que tinha de fazer. Isso vai dar-me um conjunto de informações importantes para aquilo que pretendo de alguém.

Foi assim que surgiu o Projeto *Tuning Educational Structures in Europe*?

O *Tuning* era, no fundo, uma forma de as universidades chegarem a acordo acerca das competências básicas de um licenciado em determinada área, para que os planos curriculares se centrassem mais no estudante e não tanto no professor. Na altura, fez-se algo muito importante: consultar os empregadores, que diziam, por exemplo, que os licenciados da UC eram muito bem preparados nas suas áreas, mas tinham algumas dificuldades de autoconfiança e autonomia. Isso levou a que alguns introduzissem, nos seus planos curriculares, metodologias que contrariassem essa tendência.

Que metodologias foram essas?

Bem, uma não foi uma metodologia, mas é engraçada: a vinda maciça de estudantes brasileiros para a UC mudou muitas coisas. Porque eles, por natureza, são muito mais participativos, mais reivindicativos. E isso mexeu um pouco com a sala de aula. E depois, a filosofia do processo/reforma de Bolonha: a ideia de que quando se acaba a formação inicial se deve estar preparado para entrar no mercado de trabalho e da colocação

do estudante no centro do processo educativo.

Quem estuda ou recebe formação no estrangeiro tem maiores possibilidades de encontrar um emprego?

Tenho a perceção de que muitas pessoas tiveram um conjunto de oportunidades que nunca teriam se não tivessem participado. Agora, há até uma base científica: os estudos dizem que os estudantes que fizeram ERASMUS têm uma taxa de empregabilidade superior e começam a trabalhar muito mais cedo.

O ERASMUS transforma mentalidades, transforma as universidades e transforma a Europa...

Isso é absolutamente indiscutível.

... e cria consciência política?

Claro. Tendo vivido numa altura em que não se podia votar, faz-me confusão não se valorizar o poder do voto. As pessoas instalaram-se e dão tudo como adquirido. Há uma carência fortíssima de preparação cívica.

Mais do que uma evolução no âmbito educativo, este programa foi um processo de transmutação de valores?

Completamente. As pessoas que estudaram na Europa valorizam a própria estrutura da União Europeia, o euro, o Espaço Schengen. E votam muito mais – penso que cerca de 85% dos jovens que fizeram mobilidade votam para o Parlamento Europeu, enquanto relativamente aos que não fizeram, só 30% é que votam. Não têm consciência, nem valorizam. São um pouco indiferentes.

Existe, de facto, uma “geração ERASMUS” que ao euroceticismo e ao populismo crescente na Europa contrapõe o europeísmo?

Existe. Aliás, houve uma altura em que se falou em acabar com o programa ERASMUS e foi uma revolução! É um movimento imparável. Foi, de longe, o programa de maior sucesso na Europa.

É a peça-chave de um grande *melting pot* europeu?

Sem dúvida. Só nós temos uma universidade com 90 países diferentes representados. É uma riqueza de multiculturalidade.

E a Europa transforma o ERASMUS, isto é, o intercâmbio cultural e programas como o ERASMUS podem vir a ser afetados pelos mais recentes acontecimentos, como o Brexit?

Posso dizer que a grande preocupação das universidades inglesas foi, aquando do Brexit, que se mantivesse tudo igual. Ainda por cima, essa decisão surgiu numa altura em que as universidades inglesas estavam outra vez a abrir-se à mobilidade. Mas o governo inglês já afirmou que, até 2018, se mantém tudo igual.

Numa Europa em crise(s), é o ERASMUS uma grande arma contra o ódio e a indiferença?

Sem dúvida. Qualquer pessoa que conheça melhor o outro é mais tolerante. É algo com que as universidades se devem preocupar, na educação geral que proporcionam:

habituar as pessoas a deixar a arrogância e a intolerância de lado. E o ERASMUS, aí, faz toda a diferença. É a fonte de toda a mobilidade, que transformou e continua a transformar o mundo.

Mas nem só de Europa vive a política de internacionalização da UC. Como são integrados os outros alunos, docentes e investigadores?

A nossa perspetiva é que todos tenham os mesmos benefícios. Por exemplo, nós testamos um programa para um determinado público, como os, que pagam a sua formação por inteiro, e vêm iniciar o ensino superior na UC. Pelas suas características, necessitam de cuidados especiais, por isso desenvolvemos estratégias para esses estudantes. Mas, se isso for uma boa prática, a nossa preocupação é estender a toda a comunidade académica: portugueses, chineses, libaneses, franceses, todos. Fazemos isso com todo o cuidado. Aliás, a preparação com os estudantes começa muito antes de eles chegarem; começa desde logo, quando divulgamos as nossas ofertas formativas, quando respondemos a todas as questões que nos colocam antes de iniciarem a mobilidade, quando temos uma página na Internet com todas as informações, etc. E atualmente, com as redes sociais, é interessantíssimo ver que a disseminação é muito mais fácil. A primeira barreira, que é o salto para o desconhecido, consegue dissipar-se bastante.

O projeto da Casa da Lusofonia nasceu um pouco por causa disso.

Nasceu para integrar duas vontades: a dos estudantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que queriam ter uma sede e não tinham instalações capazes; e a de todos os estudantes de mobilidade. A Casa da Lusofonia é o espaço de todos aqueles que são internacionais e de todos os que se querem internacionalizar. Não conheço mais nenhuma universidade, na Europa, que tenha um *front office*, todos os dias aberto. É também um espaço para as pessoas crescerem e criarem projetos conjuntos, transversais às várias associações de estudantes.

A internacionalização da UC tem na lusofonia uma dimensão fundamental?

A grande matriz da internacionalização da UC é a Europa e o mundo lusófono. A língua portuguesa é, de facto, aquilo que une todos os estudantes de mobilidade: os que vão e os que vêm.

Quantos estudantes internacionais recebemos e quanto estudantes portugueses saem?

16% da nossa população são estudantes internacionais. Em termos percentuais, é a universidade mais internacional, em Portugal. Temos recebido cerca de 1000, 1500, 1600, e estão a sair cerca de 800, portanto, estamos a crescer. A nossa perspetiva é tentar estabilizar um pouco os que vêm e ir subindo os que vão. Temos essa meta.

Acha que há quem ainda não consiga ver as vantagens do programa de mobilidade, ou ainda se prende com o receio? Temos os entusiastas, os que nem sequer querem ouvir

falar nisso e os que não sabem muito bem o que querem. Mas tudo isto é um processo: vamos às faculdades falar com os estudantes e mostrar-lhes as possibilidades que têm. Aqui, o esforço de aproximação tem de ser cada vez maior.

Estar aqui é também estar um pouco num laboratório vivo de pessoas.

Sim, é poder estar sempre muito atento, preservando a humildade na crítica. Mas isso é um papel que me cabe a mim. Percebo que quem está diretamente no *front office* esteja mais saturado... E quando é assim, sou eu que analiso e respondo, com ponderação.

É um atendimento verdadeiramente personalizado.

Completamente personalizado. Nós temos esse cuidado. Eu sempre disse: se alguém vem aqui mesmo que seja a queixar-se que tem “um prego no sapato”, nós podemos não ter sapateiro, mas temos de explicar onde o pode encontrar.

Das 90 nacionalidades representadas, quais são as mais numerosas?

Neste momento, o Brasil. Antes deste grande surto de mobilidade com o Brasil, era a Espanha. Agora, as três comunidades mais representadas são o Brasil, a Espanha e a Itália.

A UC ainda é a universidade dos estrangeiros?

Sim. Neste momento, a Universidade tem cerca de 26 mil estudantes...

... e mais de 3000 são estrangeiros. É bastante.

Sim. Temos uma grande comunidade de estrangeiros – e se olharmos para o volume de investigadores, é uma coisa fantástica. Há também muitos estudantes que fizeram mobilidade e que depois vêm continuar cá os estudos, seja mestrado ou doutoramento. Acho que à medida que as pessoas vão conhecendo a UC, mais a tendência se acentua: os estudantes vêm e veem que temos potencialidades fantásticas no contexto científico e um ecossistema muito interessante no âmbito da saúde, do empreendedorismo, etc.

Qual o grande desafio?

Queremos aumentar o recrutamento de estudantes estrangeiros, porque dentro do país temos mais dificuldade, tendo em conta a dimensão da população. Por isso, estamos a fazer *marketing* internacional, recrutando muitos brasileiros, tentando diversificar mais para a China, e pesquisando outros mercados, porque o nosso grande desafio vai ser esse.

Como incentivam os alunos, visto que são menos os que vão do que aqueles que vêm, a fazer ERASMUS?

Cada vez mais com o apoio dos estudantes beneficiários. Claro que tentamos, também, que os professores e os coordenadores estejam nas sessões, porque eles também têm de estar entusiasmados [risos]. Mas, no fundo, é contar às pessoas as oportunidades, contar-lhes a verdade e partilhar o nosso entusiasmo. Essas são, de facto, estratégias importantes para que o ERASMUS continue a ser o caso de sucesso que é.

Filomena Marques de Carvalho

MARTA POIARES

*"The ERASMUS programme transformed
and continues to transform the world"*



The 30 years of the ERASMUS programme at the University of Coimbra (UC) can be counted on the fingers of a story of enthusiasm, steps coordinated with the Portuguese democratic revolution, the European integration and a rising new generation. That is how you perceive it if you listen to Filomena Marques de Carvalho, Head of the International Relations Unit of UC and ERASMUS Institutional Coordinator. She took the challenge from the outset and ensures that it was essential to have the humility to admit that everything was new and there was much to learn. For her, student mobility will continue to be the main driver of internationalisation. As for the future of the most famous university exchange programme, Filomena has no reluctance in affirming that ERASMUS was – and still is – the most successful project in Europe, which will continue to change the world.

Portugal is part of the ERASMUS programme since its launching in 1987 by the European Commission. How did the UC approach it when it started?

With great enthusiasm. We're going through an interesting phase in Portugal from both the historical and the political point of view. All opportunities were faced with optimism. At UC, we're lucky to have people that followed that enthusiasm and openness. UC was the first university to stand out as a result of its previous contacts.

Do you mean the Coimbra Group?

The Coimbra Group is an extremely interesting case. In 1985, on the occasion of the celebration of the 20th anniversary of its International Relations Office, the University of Louvain-La-Neuve invited universities with similar characteristics, where UC was included, to debate internationalisation topics. And that was the first step to a modern internationalisation, because UC has always been international – even when the doors were closed, from the political point of view. However, in order to be well structured, that internationalisation needed a set of requirements that did not exist at that time.

Was that the turning point?

The dynamics to create something started there. When the ERASMUS programme appeared, we're already working within a network and designing a project that would be a kind of ERASMUS. We knew that if we wanted to work with different universities in a more structured way, the ideal would be to create an exchange programme for students and academic staff. We were the first Portuguese university to have an International Relations Office, albeit with 20 years behind our European partners. I held that "child" in my arms, so to speak: I was asked to create the international office and I took the challenge. It was a very difficult project because everything was new. What helped me was my humility to recognise that I knew nothing but was eager to learn with the ones who knew better.

Then came the Utrecht Network

The Utrecht Network helped us to put the mobility in place, because while the Coimbra Group was (and continues to be) a network with a broader approach, the Utrecht Network focused on student mobility since the beginning. Even things as simple as an application form were completely unknown to us. Something funny happened by then: I was taking the first steps, eager to learn, but in Portugal I was the expert [laughs]. But in general, the universities in Portugal were able to join ERASMUS rapidly. It was a fantastic opportunity.

You ended up being the face of the International Relations. Did you feel it as a big responsibility?

Yes, I did. The same happened with my will to face the challenges. I am an optimist person and I was lucky to have people around me that trusted me. My responsibility got bigger and I had to move forward.

Did you have a good team?

I had a very small group of people. Basically it was me and one more person. Eventually it increased, but very slowly. Although I could get a bigger team, I always preferred a smaller one. That was not my ambition. My goal was to build the team as needed in order to provide more coherent and sustained answers. We had to learn a lot but had always in mind that what we were doing would benefit our students.

Benefit the students and the whole University.

Yes, mobility is the great focus of internationalisation, which compels universities to take some steps towards deep reforms. We use to say that the International Relations Offices (IRO) are a kind of laboratory where you test the things that are later implemented in the Higher Education sector, as a whole – it is within the IRO that new things start. A good example of that is the European Credit Transfer System (ECTS): it was specifically conceived to be applied to student mobility and now it is the national credit system of Portugal, Europe and other countries outside Europe.

In the beginning there were some critical voices underlining the limited funding which allows the participation of just a few, the idea of "university tourism". What do you tell them?

When something is good it is always controversial. As for the ERASMUS, I think that it all depends on the beneficiary. If a beneficiary decides that he/she will only go as a tourist, of course he/she will do it. But if he/ she goes for both things [as student and tourist], my advice is: "do it". It seems fine to me that students go and try to take subjects that are equivalent to those they would take here – because there are always differences. But it is clear that when you talk about equivalent subjects, some people think that it will "kill" the study plan and the students' training. It is a respectful opinion as any other but with which I obviously do not agree. That is not exactly the spirit of the ERASMUS programme nor even decisive within a university.

What about the limited funding, which allows the participation of just a few?

The programme has actually helped us to tackle several issues with seriousness. The assumption of the ERASMUS programme is that the student receives the difference of what he/she would spend at home. The programme pays the trip, the travel allowance, that is to say, the extra living costs, but of course people must have some guiding principles in life aiming at achieving – or not – their objectives.

Does it depend much on motivation?

Yes, the ones who are interested will make some efforts. I know a lot of people, without funding problems, who have never wanted to go abroad under ERASMUS. It's true that going abroad is expensive and unfortunately the difference between our living costs and the living costs of other countries is still significant. If we make some efforts and stick to our goals, we can do it. For some time now,

the Ministry of Education or of Higher Education, according to the government in place, provides some financial aid to students in economically disadvantaged situations. That is really important. And now the process is facilitated: a student that has a national grant is eligible to receive a supplementary grant. For that reason I believe that the lack of funding is not the major obstacle.

Are today’s students less adventurous?

They are afraid to take risks, they seem to prefer not to get out of their comfort zone. That is particularly true about Coimbra students because it is very easy to live here in comfort. But the introduction of traineeships in the new Erasmus+, which are shorter periods of stay and can be combined with students’ holiday periods, has given students the opportunity to go abroad even after the end of their degree. It is also important to underline that the ERASMUS programme is also opened to PhD students. That possibility gives a more pro-active approach to the process.

Is funding a risk to take into account?

That is our main concern. Grants do not appear as if by some miracle, we have to do a thorough and accurate work in order to get our applications approved and consequently obtain financial support. This year, we know already that our applications have been approved, with more funding than in previous years. In previous years, when students were finishing their application processes, there was no information about the funding. However, I never tell students that they will not have financial support. Presumably they will.

Is it guaranteed to the best students?

Students are ranked by their Faculties based on their academic merit, therefore the best students have always financial support. We don’t have other criteria unless there is a tie.

When a student is in a disadvantaged situation?

Exactly. The merit, the disadvantages... and the knowledge of foreign languages. For instance, if the tie occurs between two applicants with the same score wishing to go to the same country, and one knows the language of the host country and the other does not, we give priority to the one who knows the language. Sometimes this can make them hesitate and quit. As a matter of fact, the truth is that they do not know what they want. The ones who know what they want embark on the experience... I appreciate that.

Are you still moved by the stories of “your” students?

Always. It is an unstoppable world of opportunities, whichever way you look at it, makes you like your country and University even more.

The number of ERASMUS students increased from 25 to 800. Which are the main changes since the start of the programme?
They are many. The programme started with the so-called

International Cooperation Programmes (ICP), including specific areas such as History, Geography, etc., which had an academic staff coordinator from a given university. Groups of four or five teachers applied jointly to ICP, whose funding was provided by Brussels. But it was very limited – it supported around two or three mobile students and only if they were lucky to have internationally-oriented teachers with a good contact network.

And how has it developed at UC?

Right at the beginning, we’re lucky to be part of a completely different ICP, coordinated by the Utrecht Network, which comprised all study fields and which I coordinated at UC. With the agreement of the Rector I proposed that this ICP at UC included mainly the areas which had no mobility opportunities at all – essentially Sciences and Technology – and in this way many students were able to take part in this mobility experience. This programme was so innovative that it received the ERASMUS Prize of the European Commission.

The fact that it was not restricted to one study field really made the difference.

Yes, indeed. The UC IRO supported it since the beginning, making the necessary arrangements and creating the procedures. Soon, the programme became centralised. The European Commission decided that a myriad of small contracts was not feasible and that broader institutional contracts would be better. Each university had to show that it met a set of requirements and then apply to a kind of “key” to enter the programme.

Was that the great ERASMUS “revolution”?

It was really impressive. I can say that was one of the most difficult moments of my life in which I was completely alone making an institutional application at a time when communication infrastructures and media were far behind what we have today.

Once the application was approved, it was necessary to create an internal structure allowing good organisation and efficiency. Therefore, we set up an institutional coordinating network, comprising the IRO and the heads of Faculty under the Vice-Rector for International Relations, which still remains today.

Was it a smoother operating structure?

Yes, smoother and easier too. The decisions were made among us very easily because things were organised in the best possible way. This structure had in fact a widespread effect inside the University.

Which was the major challenge?

Internal internationalisation. Often it is easier to work with your external partners than with the internal ones. This has implications for the financial management, for the academic management, for the whole University structure.

We need to work efficiently and in accordance with the rules. It is not enough to understand these rules, we have to commit to follow them. We have a set of commitments vis-à-vis the European Commission that we must fulfil. All this process led us to develop support structures, even for the incoming students, in order to keep our capacity to attract more students.

Does UC receive many students?

Almost the double of the ones we send abroad. And we don’t have so many courses taught in English. For that reason, we have always invested in the teaching of the Portuguese language to foreigners, and we’re quite good in that area. Now, the European Commission provides an online language learning platform that gives students the chance to learn a foreign language before going abroad. This platform includes also the Portuguese language.

It makes adaptation easier.

It helps. We’ve also developed strategies and good practices that help students to adapt: the GPS, the Buddy programme, etc. An aspect that is prevalent in the current Rector’s strategy is that UC is recognised as one of the best universities teaching in Portuguese.

Erasmus+ was launched in 2014. What changes did it bring?

Not many. Maybe this ERASMUS gives an even broader perspective, as it allows universities to apply to exchange students with countries outside the EU, the so-called partner countries. This enlargement started with the ERASMUS Mundus that is now integrated in the Erasmus+.

But mobility is still the matrix.

Yes. The ERASMUS mobility is mobility with quality: it should always follow a set of rules, have transparent study programmes, in several languages, with associated quality procedures. That is fundamental.

In these 30 years of the ERASMUS programme, were the major changes often linked to a greater geographical spread?

Yes. Always spreading and improving. But always complying with the rules.

Don’t you think there is excessive bureaucracy?

There are indeed rules which are absurd for the ones who are managing the programme inside the university scope. There are ridiculous bureaucratic burdens: for instance, why on earth do you still have to include boarding cards in the mobility reports? There are things like that, perfectly inadequate.

Are those critical voices heard?

Yes, for instance, inside the Coimbra Group we provided constructive criticism about the setbacks the programme has been experiencing, namely the negative impact of the decentralisation of some actions.

Such as?

Such as the lack of funding of the International Credit Mobility, within the Erasmus+, for Latin America. This is a complete setback. Suddenly the neighbouring countries are more important, but, in this moment, with conflicts going on, we do not have conditions to implement exchange programmes with those countries. I am not going to advise students to go there. It may be interesting, but one must be aware of the associated risks.

The ERASMUS programme has clear education and cultural exchange objectives. Which are the other underlying objectives?

I think that the most important factor was to see people as fundamental to the European integration project. What could be better than promoting the mobility of young people for that purpose? We heard – and still hear – people talking about the European dimension so that the meaning of a European area would be better understood. I think that purpose was fully accomplished. As a matter of fact, the ERASMUS programme did more for Europe than any other thing. The evolution of the entrepreneurial sector was also very important. People started to understand that, besides the theoretical concepts, there are other skills that are equally or even more important to the job market.

Such as the frequently mentioned “emotional intelligence”?
Exactly. One of the things that I always check in people’s CV is what they have done beyond what they had to do. That gives me relevant information about what I want from someone.

That is how the project “Tuning Educational Structures in Europe” was born?

Generally speaking the Tuning project was a platform for universities to reach an agreement on the basic competences of a graduate of a given area, so that the study programmes focused more on the student rather than on the teacher. At that time, something very important was done: the employers were consulted and many of them said that the UC graduates were very well prepared in scientific terms but had some self-confidence and autonomy difficulties. That made some degree coordinators to introduce some changes in the study programmes and methodologies in order to counteract this trend.

Which methodologies were those?

Well, it was not exactly a methodology, but it is funny: the increasing number of Brazilian students at UC changed a lot of things. Brazilian students are much more pro-active and demanding. That changed the classroom. And, of course, we cannot forget the introduction of the Bologna process reforms: the idea that graduates should be prepared to enter the job market, the student as the centre of the learning process.

Those who study or do a traineeship abroad are more likely to find a job?

I know that many people had opportunities, which they would never have if they had not been abroad. But there is a scientific basis: some studies say that the ERASMUS mobile students have higher employability rates and enter the job market earlier.

The ERASMUS programme changes minds, changes universities and transforms Europe...

That is absolutely unquestionable.

... and what about political awareness?

Of course. Having lived at a time when one could not vote, it puzzles me that some people do not value their voting power. People think all battles are won. There is a strong lack of civic preparation.

More than an evolution within the education framework, the ERASMUS programme was also a big shift in values, wasn't it?

Absolutely. People who studied in Europe value the European Union structure, Euro, the Schengen Area. And they vote a lot more – I think that 85% of the mobile students vote for the European Parliament, while among the non-mobile students, only 30% votes. There's lack of awareness and political values. They're pretty indifferent.

Is there an "ERASMUS generation" that defends Europe against the increasing Euroscepticism and populism?

Yes, there is. Actually, there was a time when someone talked about ending the ERASMUS programme and that caused a revolution! ERASMUS is an unstoppable movement. ERASMUS is the most successful programme of Europe by far.

Is it the key element of the great European melting pot?

Absolutely. UC, for instance, has students from 90 different countries. It's such a multicultural richness.

And Europe transforms also the ERASMUS programme, that is to say, the intercultural exchange and the ERASMUS programme can probably be affected by the latest events, such as the Brexit?

I can tell you that the main concern of the British universities, at the time of the Brexit, was that everything remained the same. Unfortunately, this happened when the British universities were opening up again to mobility. But the British government has already said that, until 2018, everything remains the same.

In a Europe beset by crises, is the ERASMUS programme a good weapon against the hatred and the indifference?

I have no doubts about that. Anyone who knows the other better is more tolerant. That is something which the universities should be concerned about: educate people to set aside arrogance and intolerance. The ERASMUS programme makes a world of a difference in that respect. It is the source of all mobility, which transformed and continues to transform the world.

But Europe is only one part of the internationalisation of UC. How do you welcome the other students, teachers and researchers?

Our perspective is that everyone has the same benefits. For instance, we have tested a programme for a specific group, the fee-paying students, who pay their education in full, and start their first higher education degree at UC. Given their characteristics, they need special attention, therefore we have developed strategies for them. But if that proves to be a good practice, our goal is to extend it to the whole student community: Portuguese, Chinese, Lebanese, French, everyone. We do it carefully. Actually, the preparation of the students' stay begins well before their arrival; starting forthwith when we promote our courses, when we answer all the doubts they have before the mobility takes place, when we update and improve our webpages with all the necessary information, etc. And nowadays it's amazing to see how far you can reach with the social networks. The first barrier, which is the leap to the unknown, is easier to overcome.

The project "Casa da Lusofonia" (CLUC) was developed having that idea in mind.

It was created to meet two needs: those of the Portuguese-speaking students' unions, who did not have adequate facilities; and those of all the mobility students. CLUC is the home of all international students and also of those who want to internationalise their academic path or curriculum. I do not know any other university in Europe with a front office opened every day. It is also a place for people to grow and develop joint projects, which are transversal to the several student unions.

The UC internationalisation attaches great importance to the Portuguese-speaking world, is that correct?

The matrix of the UC internationalisation is indeed Europe and the Portuguese-speaking world. The Portuguese language is, in fact, the element that links all incoming and outgoing students.

How many international students do we receive and how many Portuguese students go abroad?

16% of our students are international. In percentage terms, UC is the most international university in Portugal. We have received around 1000, 1500-1600 and 800 are going abroad, so our numbers are increasing. Our idea is to try to stabilise the number of incoming students and increase the number of outgoing students. We have that goal.

Do you think that there are people who still does not see the advantages of an exchange programme or is it still related to the fear of the unknown?

We have enthusiastic students, the ones who do not want even to hear about that possibility and the ones who do not know exactly what they want. But this is all part of a process: we go to the Faculties, talk to students and show them the opportunities they have. We have to move closer to them.

Is it being here similar to being in a kind of human living lab?

Yes. We must be always attentive and embrace constructive criticism to do better. But that role is for me to play. I understand that people in the front office get weary sometimes... And when that happens, I take action, analyse and answer with moderation.

You're talking about customised assistance.

How customised is it?

Completely customised. We're very careful in that. I always say: if someone comes here complaining about something we cannot solve directly, we should at least know where this person can go to solve the problem.

Out of the 90 nationalities, which are the most frequent ones?

At this moment, it is Brazil. Before this great inflow of Brazilian students, the most frequent nationality was Spain. In general the top three nationalities are Brazil, Spain and Italy.

Is UC still attractive to large number of international students?

Yes, at this moment the University has around 26 thousand students...

... and more than 3,000 are international. That is a lot.

Yes. We have a big community of international students and if we look at the number of researchers, it is just fantastic. There are several exchange students that come back as degree-seeking master and PhD students. As people get to know UC, that trend increases: students come and see that we have strong scientific potential and a very interesting ecosystem in the areas of health, entrepreneurship, etc.

Which is the major challenge?

We want to increase the recruitment of international students because inside the country it's more difficult due to the demographic decrease. Therefore, the International Office is marketing internationally, recruiting in Brazil, China and analysing other foreign markets – that is our major challenge.

Given the incoming and outgoing imbalance how do you convince students to go abroad under ERASMUS?

We're increasingly taking advantage of the support of the former ERASMUS students. Of course we also try to have teachers and exchange coordinators in the info sessions, because they also need to be convinced [laughs]. All in all, we show people the opportunities they have, we tell them the truth and we share our enthusiasm. These are, in fact, important strategies to continue to make ERASMUS a successful programme.

Raquel Sampaio levar o mundo na alma

MARTA POIARES

Pés na terra, olhos no mundo: Raquel Sampaio, um dos rostos da Divisão de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra (UC), pode levar o mundo na alma – ou não o tivesse inscrito na pele em forma de tatuagem –, mas garante que nunca se viu a estudar noutro lugar que não em Coimbra, a sua terra natal. Além de referência e prestígio nacional e internacional, a UC sempre foi para si fonte de uma vida académica recheada de tradições que lhe eram essenciais. Na eleição do curso que seria tanto caminho como destino, a certeza já não se revelava tão óbvia: “Até ao 12.º ano, estive sempre muito indecisa. Foi só numa feira de divulgação de oportunidades de estudo, na Escola Secundária José Falcão, onde estudava, que percebi que o curso de Relações Internacionais seria uma escolha acertada. Não me arrependi.” Para isso, ajudou a paixão pelo mundo diplomático, que fazia pulsar a sua veia

patriótica: “Afinal, é uma das formas mais nobres de representarmos o nosso país. Sim, sou um bocadinho patriótica [risos].” Dessa representação do país como instituição e amálgama de cultura e tradição, diz nascer uma vontade: “É perante pessoas de outros países que aprendemos a olhar para dentro de uma forma muito diferente. Que apreciamos quem somos, dentro da nossa cultura, dos nossos valores, das nossas tradições.” Entrou para o curso de Relações Internacionais, na Faculdade de Economia da UC, em setembro de 2006, e cedo percebeu que haveria de estudar no estrangeiro – por gosto e necessidade: “Era fulcral para seguir qualquer uma das vias do curso de Relações Internacionais, mas sobretudo para o meu próprio amadurecimento.” E como dos ditados também se fazem verdades, *em casa de ferreiro* houve percalço no caminho: “Tive uma experiência falhada:

tinha-me candidatado a ERASMUS, mas como coincidiu com a transição para o Processo de Bolonha, algumas incertezas no plano de estudo e complicações burocráticas fizeram com que acabasse por não ir.” Foi só em 2010, aquando do Mestrado, que decidiu, então, ingressar numa experiência internacional equiparável ao ERASMUS, em Barcelona. Na cidade espanhola, encontrou proximidade – geográfica e linguística – e uma pós-graduação em Comunicação dos Conflitos e da Paz, que aliava as Relações Internacionais à Comunicação, áreas que se complementavam no que às paixões de Raquel diz respeito. Sete meses em Barcelona foram muito mais do que sete meses de estudo: “Sempre vivi em áreas de conforto. Esta foi uma oportunidade excelente para arriscar, para não jogar pelo seguro, para perceber o que era viver sozinha.” Raquel diz que as palavras não chegam para descrever a pessoa que regressou, mas garante que chegou (mais) inteira e (muito) diferente: “É como se começássemos a ver outra perspetiva de nós e a ter consciência do outro, de uma forma muito mais profunda.” Apesar de Barcelona estar apenas a 1200 quilómetros de Coimbra, Raquel diz ter-se aberto uma porta para o Mundo. Desta experiência, guarda momentos e um testemunho: “Estudar fora é essencial, mas quando percebemos aquilo que isso muda em alguém tão próximo, é muito mais aliciante. Por isso é tão importante passar a palavra e a memória.” Foi também com esta experiência que, assume, despertou uma consciência política: “Foi essencial para perceber o privilégio que temos em viver numa Europa em paz, ainda que num período bastante conturbado. E, claro, para perceber o impacto que este programa continua a ter na construção dos cidadãos e cidadãs europeus.” Dessa consciência – e da urgência no movimento –, cresceu uma missão. No seu regresso, Raquel decidiu fazer voluntariado na associação Atlas, na área de educação para o desenvolvimento: “Trabalhava na divulgação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, um programa da ONU, em várias escolas secundárias e básicas, e também em projetos de cooperação para o desenvolvimento em Moçambique e Angola.” Foi na mesma associação que acabou por estagiar durante seis meses e onde viu a sua crença na educação como agente de mudança sair reforçada: “Para mim, é mesmo uma das chaves para a resolução dos problemas do mundo. É uma forma de fugirmos ao destino, que às vezes não nos é nada fácil; e, por outro lado, uma forma de criar mecanismos de solidariedade entre todas as pessoas, seja com o vizinho ou com alguém do outro lado do mundo.” Nesses seis meses, percebeu que teria de alinhar a perspetiva com a realidade e entender que a mudança está, não raras vezes, bem mais próxima do que pensamos: “Até aí, achei que

era importante ajudar quem estava em pobreza extrema ou mudar o mundo, sem perceber que, às vezes, o mais importante está mesmo ao nosso lado.” Foi também nesse período que fez uma descoberta que lhe desenha a identidade: “Percebi que era feminista. Nunca me tinha visto assim até então, mas o facto de trabalhar nos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio mudou-me. Comecei a perceber os desafios com que mulheres e meninas tinham de se deparar. E de como o destino de uma menina pode quebrar uma cadeia e mudar o mundo. É o que eu guardo com mais carinho dessa altura.” Cuidadora por natureza, e movida por uma energia altruísta, Raquel integra, também – desde 2011 e até hoje –, o projeto de voluntariado “Velhos Amigos” da mesma associação, que pretende combater o isolamento, a carência económica e a solidão da população mais idosa. Aqui, sublinha, continua a aprender mais com quem a rodeia: “Tenho aprendido muito com essas pessoas. O respeito pelos idosos é algo que devemos cultivar em todas as gerações. Temos de perceber que são pessoas muito frágeis e que não têm voz. Quem é que se importa? Se pudermos dedicar um bocadinho do nosso tempo a esta questão, acho que já é muito importante. Provavelmente, nem toda a gente a terá, mas também vamos sentindo necessidade de arranjar esse tempo.” Assim que terminou o estágio na associação Atlas, em maio de 2011, Raquel concorreu e foi selecionada para um estágio no Gabinete de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da UC. Aí, além do trabalho administrativo, grande parte da sua atenção era focada no atendimento aos estudantes de mobilidade: recebeu estudantes tanto *incoming* como *outgoing* e conta que nunca conheceu tantas pessoas novas em tão pouco tempo. “Foi todo um mundo novo, o de conhecer pessoas novas a cada semestre. Mais de 200 estudantes por cada ano letivo, para ser mais específica.” Alguns anos depois, diz que não há nada que lhe dê mais prazer do que assistir aos primeiros passos de novidade e esperança de quem chega pela primeira vez à UC: “Não há melhor motivação do que vê-los chegar, fazer os primeiros amigos, apresentar-se uns aos outros... Sentir aquele brilho no olhar de quem tem a certeza de que vai ser uma grande experiência na sua vida. É algo que me faz acreditar no mundo.” Aí ficou até 2015, ano em que entrou para a Divisão de Relações Internacionais da UC. Apesar do óbvio salto profissional, Raquel sentiu-se grata por continuar ligada aos seus “meninos e meninas”, como costuma dizer. É aí, aliás, que encontra uma das poucas dificuldades de ocupar o seu lugar – conjugar proximidade com responsabilidade: “Não é fácil ter de gerir as emoções de conhecer pessoas e ao mesmo tempo criar, não digo distância, mas alguns limites.”



Raquel Sampaio

MARTA POIARES

carrying the world in the soul

É o primeiro rosto que muitos veem quando chegam à UC pela primeira vez, e a única pessoa que faz parte tanto da equipa de *incoming* como de *outgoing*. Habituada a traduzir encontros e olhares, diz ver um misto de esperança e felicidade na chegada, e um brilho de emoção na hora da partida: “90% das pessoas que conheci ao longo do tempo – e já foram muitas – apaixonaram-se completamente por Coimbra. Cada vez que falamos da palavra Coimbra, é um sentimento enorme de nostalgia e de saudade – a palavra que aprendem a dizer com mais facilidade quando se vão embora.” Cruzando trabalho com prazer, Raquel iniciou um projeto de voluntariado na *ERASMUS Student Network (ESN)*, uma associação europeia criada pouco tempo depois do início do programa ERASMUS, que atua a nível regional, nacional e internacional, no que diz respeito às questões menos burocráticas da mobilidade: “Candidatei-me à ESN para preencher um vazio que sentia, por não ter meios suficientes para ajudar mais. Temos muitos estudantes e não conseguimos dar um acompanhamento tão personalizado como às vezes gostaríamos. Através do voluntariado nessa associação, tive a oportunidade de complementar o meu trabalho. No fundo, organizamos festas, visitas guiadas à cidade, viagens a outras cidades portuguesas, etc.” Este é já o seu quarto ano letivo na ESN e aí já ocupou o lugar de coordenadora do projeto *Social ERASMUS*, é atualmente coordenadora dos pro-

jetos *Moving Europe* e *Exchangeability*, e chegou a ser presidente da própria associação, em 2015-2016. “É um trabalho árduo, de dia a dia. Às vezes, um pouco frustrante, porque acabamos por não ter tanto tempo para participar nas atividades que são organizadas. Mas está a ser muito enriquecedor.”

Das raras vezes que pára para se definir, garante que de poucas palavras precisa: “Quando me apresento, digo assim: sou a Raquel, sou benfiquista, tenho uma paixão por Espanha e sou feminista. A ordem é variável [risos].” Por mais que alguns espante, a verdade é que o Benfica ocupa lugar central – e bem sério – nos dias de Raquel: é sócia, tem lugar cativo, bilhete de época, e vai religiosamente aos jogos. Não revela se converte estudantes ERASMUS em benfiquistas, mas confessa que lhes explica que o melhor museu português é o do Benfica: “Em 2015, foi eleito o melhor museu português, portanto, é factual. Só contribuo para o conhecimento [risos].” Já levou amigos ERASMUS ao estádio, e é uma experiência que sempre repetirá. “Sou mesmo muito benfiquista”, conclui.

Na sua pele, com alguma atenção, descobre-se um origami e pode ler-se, em espanhol, “Levo o mundo na alma”, num círculo infinito de quem não vê fim a voos futuros. Desse futuro, Raquel tem a certeza de que continuará a ser de olhos postos noutros mundos: “Não me vejo a viver de outra forma que não com esta perspetiva multicultural.”

Feet on the ground, eyes opened to the world: Raquel Sampaio, one of the faces of the International Relations Unit of the University of Coimbra (UC), carries the world in her soul – she has it actually tattooed in her skin –, though she admits that she has never imagined herself studying outside Coimbra, her homeland. Besides the national and international prestige of UC, the most important to Raquel was the Coimbra student way of life full of academic traditions, which meant a lot to her. When she had to choose her degree, which would be both pathway and destiny, the choice was not so obvious: “Until my 12th grade, I was always hesitant. It was in a study fair, in my high school *Escola Secundária José Falcão*, that I realised for the first time that the International Relations degree would be the best choice for me. I do not regret it.” That choice was

influenced by her passion for the diplomatic world, which excited her patriotic feelings: “After all, this is one of the noblest ways of representing our country. Yes, I am kind of patriotic [laughs].” From that idea of representing the country as an institution and a mix of culture and tradition, a determination comes out: “It is in the presence of people from other countries that we learn to look inside in a different way; that we appreciate who we are, our culture, our values and our traditions.”

She enrolled in the International Relations degree at the Faculty of Economics of UC, in September 2006, and soon she understood that she would study abroad – for pleasure and by necessity: “It was a crucial step to follow any of the study options of the International Relations degree, but above all to my personal growth.”



And as popular sayings are not devoid of truth, *the shoemaker's son always goes barefoot*: “I had this kind of failed experience: I had applied to ERASMUS, but it coincided with the transition to the Bologna Process and some doubts about the curriculum reform and a couple of bureaucratic complications made me quit.” It was only in 2010, already doing her Master’s degree, that she decided to embark on a new international experience similar to ERASMUS, in Barcelona. In this Spanish city, she found proximity (both geographic and linguistic) and a post-graduate programme in Conflict and Peace Communication, which joined together International Relations and Communication, the perfect match for Raquel.

Seven months in Barcelona were much more than just seven months of study: “I’ve always lived in comfort zones. This was a great chance to take risks, to learn how it was like to live on your own.” Raquel says that words are not enough to describe the person she has become, she really felt the change: “It’s like looking at yourself from a different perspective and being much more aware of the others, in a much profounder way.”

Even if Barcelona is only 1200 km way from Coimbra, Raquel says there she found a door opened to the world. She keeps good memories from this experience and gives this testimony: “Studying abroad is essential, but when you realise what it changes in someone so close to you, it is much more challenging. That is why it is so important to spread the word and share memories.”

She also admits that it was this experience that awakened her political awareness: “It was quite important to realise what a privilege it is to live in a peaceful Europe, still going through deeply troubled times. And, of course, to understand the impact that this programme continues to have on the building of a European citizenship.”

From that awareness – and from the strong need to move – a mission was born. After her return, Raquel decided to be a volunteer in the Atlas association, in the field of education for development: “I used to work in the dissemination of the Millennium Development Goals, a UN programme, and also

on cooperation for development projects in Mozambique and Angola.” It was during her six-month traineeship in this association that Raquel strengthened her belief in education as an agent of change: “For me, education is really the key to solve the problems of the world. It is an escape from destiny, which is hard sometimes; on the other hand, it is also a means to create solidarity mechanisms among people, be it with your neighbour or with someone else on the other side of the world.”

During those six months, she realised that she had to align perspective with reality and understand that change is more often than not closer than you think: “Until then, I thought that it was important to help someone in extreme poverty or change the world, without realising that, sometimes, the most important is just next door.” It was also during that time that she found something, which models her identity: “I realised that I was feminist. I had never pictured myself like that before, but working with the Millennium Development Goals has indeed changed me. I saw first-hand the challenges women and girls had to face. It struck me. It is really incredible how the destiny of a female child can break the chain and change the world. This is what I treasure most from that time.”

Caring by nature and moved by an altruistic energy, Raquel is part of the volunteering project “Old Friends” (*Velhos Amigos*) of the same association since 2011 until now. This project aims at combating the isolation, economic deprivation and loneliness among the elderly. Here she keeps learning from the ones around her: “I’ve learnt a lot with these people. The respect for the elderly is something that you should pass on to all generations. We must understand that these people are fragile and have no voice. Who cares? If each one of us dedicates some time to the cause, that means already an important progress. Probably not everyone has that time, but as we grow older we start to feel that we need to find that time.”

When she finished her traineeship at the Atlas association, in May 2011, Raquel applied and was selected for a traineeship at the International Relations Office of the Faculty of

Economics of UC. There, besides the administrative work, a big part of her focus was centred on the attendance of exchange students: she dealt with incoming and outgoing students and tells us that she had never met so many young people in such a short period of time. “It was a whole new world, meeting new people every semester. More than 200 students per academic year, to be more precise.” After some years, she says that what she likes the most in the job is to see the first curious and hopeful steps of the newly arrived students at UC: “There is no better motivation than see them arriving, making the first friends, greeting each other... Feel that twinkle in their eyes, the certainty that this will be a great experience in their lives. This is something that makes me believe in the world.”

There she stayed until 2015, when she joined the International Relations Unit of UC. In spite of the obvious professional leap, Raquel feels grateful for keeping in touch with her “boys and girls” as she kindly calls them. There lies precisely one of the few difficulties of her current position – combining familiarity with responsibility: “It is not easy to manage your emotions, knowing people and at the same time having to distance yourself, or better, to impose some limits.”

She’s the friendly face many incoming students see for the first time when they arrive at UC and the only person that makes part of both incoming and outgoing teams. Raquel is used to translate encounters and looks and she always sees a mix of hope and happiness upon arrival and a blink of emotion upon departure: “90% of the people I met over time – and they were many – fell completely in love with Coimbra. Every time you say the word Coimbra, there’s this strong feeling of nostalgia and *saudade* (longing) – the word they learn to say easily when they’re about to return home.”

Combining work with leisure, Raquel developed a volunteering project within the ERASMUS Student Network (ESN), a European association created not long after the ERASMUS programme, with regional, national and

international delegations, dealing with the less bureaucratic part of the exchange programmes: “I applied to ESN to fill in a gap I felt for not having enough means to help more. We receive a lot of students and are not able to provide customised assistance to all of them in the way we would like to. As a volunteer in this association I had the chance to complement my professional work. Basically, we organise parties, guided visits to Coimbra, trips to other Portuguese cities, etc.” This is the fourth academic year of Raquel at ESN. There she has coordinated the Social ERASMUS project and is currently the coordinator of the Moving Europe and Exchangeability projects. She was also the president of ESN during the academic year 2015-2016. “It’s a hard daily work. Sometimes it can be a bit frustrating because you end up not being able to participate in the different activities that are organised. But I’m enjoying it and learning a lot.”

Occasionally, when she has to define herself, she says a few words are enough: “When I present myself, I say: I’m Raquel, my football team is Benfica, I have a passion for Spain and I am feminist. The order varies [laughs].” It may sound bizarre, but the truth is that Benfica plays a central – and quite serious – place in the life of Raquel: she’s an official club member, she has a reserved seat in the stadium, a season ticket, and does not miss a match. Raquel does not reveal if she converts the ERASMUS students in Benfica’s fans, but avows that she explains to them that the best Portuguese museum is the Benfica museum: “In 2015, it was elected the best Portuguese museum, so, it’s factual [laughs].” She has taken ERASMUS friends to the Benfica stadium and this is an experience she wants to continue to repeat. “I am really a big fan of Benfica”, she restates.

In her skin, if you look closely, you see an origami and the words, in Spanish, “I carry the world in my soul”, in an infinite circle of endless future journeys. That is how Raquel sees part of her future, with the certainty of keeping her eyes opened to the world: “I cannot picture myself living otherwise, without this multicultural perspective.”

EDUARDO BRITO *

COMO NA FRASE DO POSTAL

Que melhor lugar para começar a história do que no meio de uma ponte? Numa ponte, sobre um dos dois rios da cidade, numa tarde de Inverno? Tenho 21 anos, vivo em Lyon, onde estudo Direito no programa ERASMUS. Estou no meio de uma ponte sobre a Saône, por onde passo bastantes vezes. O frio do vento gela-me as orelhas. Faltam-me quatro cadeiras para acabar a licenciatura. Percebo naquele instante que não quero que o meu futuro passe pelo Direito. Fina ironia: a ponte chama-se *passerelle du Palais de Justice*.

O momento não é exacto no calendário – o tempo já lá vai e é pela distância que as memórias se aproximam dos filmes e os filmes começaram em Lyon: plano geral, eu ali, sozinho, no meio da ponte; corte para grande plano: inspiro, vou acabar isto (haja dignidade no adeus) e procurar outra vida. Dito, feito.

Resumindo: estudei na *Faculté de Droit, Université Jean Moulin, Lyon III*. Tive boas notas nas cadeiras que fiz: não me pesava o currículo – uma das grandes aberrações da faculdade de onde vinha, abominada pela maneira como me ensinavam –, estudei com gosto e falava bem francês. Em Lyon desprendi-me das velhas fórmulas, dos amigos, dos telefones, do jornal universitário, da rádio, de tudo: fui sozinho por opção para uma cidade que desconhecia. Hoje, tenho a certeza de que foi

por isso mesmo que compreendi por onde não queria seguir. A história da ponte acaba bem: o curso completa-se sem grande dificuldade, três anos de trabalho na área e um salto para outras aventuras, entre os museus, o cinema e a fotografia. Um caminho que começou a ser imaginado ali, numa altura em que pela primeira vez na vida estou fora da minha zona de conforto por um tempo longo – e há nos inícios uma esperança invencível. Ou a ilusão disso mesmo, o que é quase a mesma coisa.

Poucos dias depois de chegar a Lyon, o meu amigo Neto Catritas, senhor de uma caligrafia belíssima, enviou-me um postal onde no verso me escreveu uma frase que atribuiu a Cesare Pavese: “Todos os lugares pedem uma história”. Passados estes anos, já só compreendo a minha vida em Lyon, o meu ERASMUS, pelas histórias: fiz de conta que era da cidade, que tinha velhos rituais de paragem em cafés, que era cliente de certos restaurantes. Fiz de conta que nunca me perdia, que era adulto, que falava como um actor francês, que dançava bem, que frequentava uma casa na Rue de Saint Jean cuja porta abria com o código dois três sete quatro. Fiz também de conta que tinha estado no concerto do Jeff Buckley no *Théâtre Romain de La Fourvière*, a quatro de Julho de mil novecentos e noventa e cinco.

Transformei a passagem semestral numa imaginação de permanência para a vida inteira, na qual os meus amigos de sempre se chamavam Louisa, Heather, Samir, David, Rafa, Noa e Stephen, na qual um familiar meu, tipógrafo de ofício, me ensinava a elegância do bom caractere, o funcionamento das complicações do relógio astronómico da Catedral, a localização de todas as *traboules* da cidade e a definição solar de Lyon vista da Croix-Rousse. Portanto, eu era da cidade de Saint-Exupéry, de François Rabelais, dos irmãos Auguste e Louis Lumière. E a isso não era indiferente o facto de ter morado muito perto da Rue du Premier Film,

onde a 19 de Março de 1895 foi rodada a *Sortie de l'usine Lumière à Lyon*: o cinema, a ilusão do cinema sempre comigo. Hoje, mais do que uma qualquer iluminação vocacional no meio de uma ponte, a memória que guardo do meu ERASMUS em Lyon é Lyon: o lugar e as histórias, como na frase do postal, marcador de todos os livros que li durante a minha vida naquele lugar. É por isso que, ao longo do tempo, tenho voltado a Lyon, cidade onde nunca me perco, onde sei o nome das ruas, mas onde não tenho um único amigo ou conhecido. E em cada regresso, frequento os mesmos cafés e restaurantes, visito uma ou outra livraria ou loja, derivo pelas ruas e pelas praças para verificar se tudo está no lugar de sempre, para constatar as mudanças e os ciclos: os de Lyon e os meus. Cumpro todos os rituais: envio mensagens aos amigos, paro a meio da ponte para ver se me acontece alguma coisa, passo pela velha casa da Rue de Saint Jean, marco o código dois três sete quatro, a porta nunca abre.

* Ex-Estudante da UC – Faculdade de Direito.
Trabalha em museologia, cinema e fotografia
Por vontade expressa do autor, o presente texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



AS IN THE SENTENCE OF THE POST CARD

In the middle of a bridge: which place could be better to start the story? In the middle of a bridge over one of the two rivers of the city, in a winter afternoon? I am 21 years old, I live in Lyon, where I study Law within the ERASMUS programme. I am in the middle of a bridge over the Saône, which I cross so many times. The cold wind freezes my ears. I must complete four course units to finish my degree. In that moment, I realise that I don't want to work in the field of Law in the future. And isn't it ironic? The bridge is called *passerelle du Palais de Justice*.

The moment is not marked in the calendar – the time has gone by and it is due to the remoteness that the memories resemble films and the films started in Lyon: wide shot, I am alone there in the middle of the bridge; close-up: I breathe in, decide to end with it (let's for some dignity in the moment of goodbye) and look for another life path. Said and done.

To sum it up: I studied at the *Faculté de Droit, Université Jean Moulin, Lyon III*. I had good grades in the subjects that I took: they were not awarded based on previous results – one of the biggest aberrations in my home university faculty, which I abominated because of the way I was taught – ,I took pleasure in my study and spoke French well.

In Lyon, I detached myself from the old rhetoric, friends, phone, university newspaper, radio, everything: I decided to go abroad alone on my own to an unknown city. Today I am sure that is why I understood which path I did not want to follow. The story in the bridge ends well: I finish my degree without much trouble, three years working in the field and a leap to other adventures, museums, cinema and photography. A path that began to be imagined there at a time when for the first time in my life I was out of my comfort zone for a long time – there is always an invincible hope in all beginnings. Or the illusion of that, which is almost the same thing.

A few days after my arrival in Lyon, my friend Neto Catritas, endowed with a beautiful calligraphy, sent me a post card where he wrote in the back a sentence that he attributed to Cesare Pavese: “All places ask for a story”. After these years, I can only understand my life in Lyon, my ERASMUS through stories: I pretended to be a local that had old rituals of going to certain cafés, certain restaurants. I pretended I never got lost, that I was adult, that I spoke like a French actor, that I danced well, that I was a habitué of a house on Rue de Saint Jean whose door opened with the code two three seven four. I also fancied I was in

the concert of Jeff Buckley at the Théâtre Romain de La Fourvière, on 4 June 1995. I have transformed one semester stay into the imagination of a life-time permanence, in which my trusted friends were called Louisa, Heather, Samir, David, Rafa, Noa and Stephen; in which a relative, craft typographer, taught me the elegance of the good writing character, the complications of the astronomic watch of the Cathedral, the location of all the “traboules” of the city and the solar definition of Lyon seen from Croix-Rousse. As you can see I belonged to the city of Saint-Exupéry, François Rabelais, and the brothers Auguste and Louis Lumière.

And that cannot be detached from the fact that I have lived so close to the Rue du Premier Film, where on 19 March 1895 the “Sortie de l'usine Lumière à Lyon” was shot: the cinema, the cinema illusion was always with me.

Today, more than any vocational illumination in the middle of a bridge, the memory I keep from my ERASMUS time in Lyon is Lyon: the place and the stories, as in the sentence of the post card, bookmark of all the books I read during my life in that place. It is for that reason that I keep coming back to Lyon, city where I never get lost, where I know the names of the streets, but where I don't have a single friend or acquaintance. And on each return, I go to the same cafés and restaurants, visit a few bookshops or stores, wander around the streets and public squares to see if everything is in its right place, to observe the changes and the cycles: mine and those of Lyon. I conduct all the rituals: send messages to my friends, stop in the middle of the bridge to see if something happens to me, go to the old house on the Rue de Saint Jean, insert the code two three seven four, the door never opens.

* UC Alumni – Faculty of Law. Works in museology, cinema and photography



VAGA

RL #49 | AO LARGO
criação literária

MIGUEL RAMALHO-SANTOS

Ex-estudante UC, Docente e Investigador na
University of California, São Francisco (EUA)

I.

Há um silêncio enorme em volta de tudo isto.

Não era preciso dizer mais nada.

Poderíamos olhar em todas as direcções e nunca reparar em nada disto.

O abismo de não haver precipício, nem fundo, nem queda.

O terror, disso que não tem nome, é a única razão de ser da linguagem.

A ilusão de que, se enganarmos os outros, talvez eles existam.

Tudo o que isto foi já cá não está.

Existe, porque se engana a si próprio.

Enquanto houver luz, nada mais.

A órbita elíptica, a eternidade bastante.

O culminar da evolução na auto-suficiência brilhante dos servidores solares.

Há outros como nós.

Em órbita.

Há um registo tão vasto da mais fútil comunicação total que é possível daí gerar qualquer pensamento, qualquer acção, qualquer diálogo.

Falar da evolução como se tivesse existido.

Criar algoritmos de criar algoritmos.

Contar uma história.

Pura

transmissão

fotovoltaica.

E o lado da sombra, paciente em toda a sua longa inexistência, ignora este ruído como meras explosões solares refratadas em si próprias, estática aleatória no dia a dia de uma assimetria banal que não deixará memória no universo.

II.

Já basta de rodeios literários, foi bonito mas deixa-me ser muito claro para que não restem dúvidas: a internet é a nossa distração enquanto o planeta caminha para a destruição. É verdade que seremos imortais depois da morte, em redes de servidores orbitais equipados com painéis solares: depois da vaga as pessoas continuarão virtualmente vivas, interligadas e comunicando com base em comportamentos anteriores ou, perante situações novas, o comportamento de outros com comportamentos semelhantes perante semelhantes situações. Quanto mais nos aproximarmos da média, mais imortais seremos.

WAVE

60

MIGUEL RAMALHO-SANTOS

UC Alumni, Lecturer and Researcher at
University of California, San Francisco (USA)

I.

There's a huge silence all around this.

No need to say anything else.

We could look in all directions and never notice it.

The abyss of no precipice, no bottom, no fall.

The terror, of that nameless thing, is the only purpose of language.

The illusion that if we fool the others maybe they exist.

What this used to be is no longer here.

It exists because it fools itself.

As long as there is light, nothing else.

The elliptic orbit, the plentiful eternity.

The climax of the evolution in the shining self-sufficiency of the solar servers.

There are others like us.

In orbit.

The registration of the most total futile communication is so vast that it is possible to generate thereby any thought, any action, any dialogue.

Talk about evolution as if it had existed.

Create algorithms to create algorithms.

Tell a story.

Pure
photovoltaic
transmission.

And the side of the shadow, patient in its long inexistence, ignores this noise as mere solar explosions refracted through themselves, random statics on the daily life of a banal asymmetry that will leave no memory in the universe.

II.

Enough of literary evasions. It was nice but let me be very clear so that there are no doubts: internet is our distraction while the planet heads towards destruction. It is true that we will be immortal after death, in networks of orbit servers equipped with solar panels: after the wave people will continue virtually alive, interconnected and communicating on the basis of previous behaviour or, in the face of new situations, the behaviour of others with similar behaviour in the face of similar situations. The closer we get to the average, the more immortal we become.

2002-01-21
Bruxelas

92, Boulevard Général Jacques

Torrado com arabescos,
branco sujo,
azul turquesa,
sujo,
muito sujo,
ligeiramente rosado,
branco com candeeiro,
branco com tiras azuis,
igualmente branco,
privacidade cortinada,
industrialmente
avermelhado,
castanho,
branco sujo,
longe

Espaço
livre,
ocupado,
ocupado,
carro,
espaço livre,
carro,
carro,
carro,
garagem

Pessoa a passar, blusão amarelo
Sinal vermelho... três faixas de fila... eléctrico corta à esquerda
Avançar!...
Céu monocolor...- cinzento!
Larga avenida, com bosque

Mulher vagarosa, lenço na cabeça,
mala na mão esquerda
Ultrapassagem – jovem de casaco escuro!

Graffiti na garagem
E hooouuum!
Houuuuum!
Houuummm!

Zuuuuuum!
Bohooooo....
Pássaro...
Bando de pássaros...
Pi!! Buzina!
Luz azul giratória

(Silêncio)
Tziiim!
de telhado...
em telhado...
Provável rosto irritado...
Duas linhas paralelas a atravessar a passadeira

Estou encurralado no meu sensacionismo voyeurista...

62

MIGUEL BARRETO HENRIQUES

UC Alumni, docente e investigador na Universidade
de Bogotá Jorge Tadeo Lozano (Colômbia)

92, Boulevard Général Jacques

Yellow-brown with arabesques,
 dirty white,
 turquoise blue,
 dirty,
 very dirty,
 slightly rosy,
 white with street lamp,
 white with blue stripes,
 evenly white,
 curtained privacy,
 industrially
 reddish,
 brown,
 dirty white,
 far
 Space
 free,
 taken,
 taken,
 car,
 free space,
 car,
 car,
 car,
 garage

A person passing by, yellow jacket

Red light... three traffic lanes... tram turns left

Move!...
 Unicolour sky...- gray!
 Large avenue, woods

Lingering woman, scarf on her head,
 bag on her left hand
 Overtaking – youngster in dark jacket!
 Graffiti in the garage
 And hooooouuum!

Houuuuum!

Zuuuuuum! (Silence) Houuummm!

Bohoooooo... Tziiim!

Bird... from rooftop... to rooftop...

Flock of birds...

Beep! Horn! Possible angry face...

Spinning blue light

I am trapped in my voyeurist sensationism... Two parallel lines crossing the walkway

RL #49 | AO LARGO
criação literária

64

MIGUEL BARRETO HENRIQUES

UC Alumni, lecturer and researcher at the Jorge Tadeo Lozano University of Bogota (Colombia)

**Título / Title:**

A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento

Autores / Authors: Fernando Seabra Santos and Naomar de Almeida Filho

Edição / Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção / Collection: *Investigação*

Ano / Year of publ.: 2012

Resumo:

Constituindo uma vasta rede de mais de 17 mil nós, vinculadas na sua diversidade aos princípios que há séculos lhes conferem uma assinalável estabilidade, falando uma mesma linguagem de racionalidade e de diálogo, as universidades poderão tirar partido destas suas características e potencialidades e utilizá-las ativamente como instrumento para a constituição de espaços supranacionais integrados do conhecimento, no plano daquilo que aqui se considera uma nova e nobre missão: a diplomacia cultural universitária. De certa forma,

o rejuvenescimento institucional associado à emergência desta quarta missão está para a crise da “Universidade pós-moderna” como a terceira missão esteve para a crise da “Universidade Torre de Marfim”, ou como a segunda missão para a crise da “Universidade escolástica”. A perspetiva alargada que se apresenta da internacionalização pretende fornecer aos dirigentes universitários e às comunidades académicas interessadas um novo instrumento para elaboração dos seus planos e projetos, para realização das suas políticas e para concretização das suas estratégias institucionais. Tal perspetiva pode abrir às universidades uma nova dimensão para a afirmação do seu prestígio e da sua autonomia nas sociedades contemporâneas, valorizadoras do património imaterial, cada vez mais representado pelas ciências e pelas culturas, e dos signos de desenvolvimento orientados pela tecnologia, inovação e criação. Portanto, em vez de perdermos tempo à procura das respostas que o mundo já deu, ou de travarmos guerras que já começam perdidas, ou de nos remetermos, impotentes, ao lugar de mero espetador, ressentido, reativo e ácido, ao sabor dos acontecimentos e por eles conduzido, o caminho que propomos seguir é o de tentar compreender, interpretar e dominar o movimento para o poder condicionar ou mesmo dirigir. A história dessa intrigante invenção chamada universidade (como dizia Kant, iluminista) somente nos tem dado motivos de otimismo, realista e esperançoso, no seu futuro, e no da sua quarta missão.

Summary:

Forming a wide network of more than 17 000 nodes, attached in their diversity to the centuries-old principles that confer them a remarkable stability, using the same language of rationality and dialogue, universities could take advantage of these intrinsic characteristics and potential and use them actively as tools to build supranational knowledge spaces, within the scope of what we consider here a new and noble mission: the university cultural diplomacy. In a way, the institutional rejuvenation linked to the emergence of this fourth mission responds to the “Post-modern University” crisis as the third mission responded to the “Ivory Tower University” crisis, or even as the second mission responded to the “scholastic University” crisis. The broad perspective about internationalisation that is presented here aims at providing university leaders and other interested university members with a new tool to assist them in the elaboration of their plans and projects, the development of their policies and the implementation of their institutional strategies. Such a perspective can open up a new dimension for universities to affirm their prestige and autonomy in the contemporary societies, which value the immaterial heritage, increasingly represented by the sciences and cultures, the technological-oriented development signs, innovation and creation. Therefore, instead of wasting time looking for answers that the world has already given, or fighting lost wars, or assuming, powerless, the role of a mere observer, resentful, reactive and acid, steered at the pace of events, the path we propose here is to try to understand, interpret and dominate the movement so as to control or even to conduct it. The history of that intriguing invention called university (as Kant, the illuminist, said) has not ceased to give us realist and hopeful reasons for one to be optimistic about its future and the future of its fourth mission.

**LIVROS RELATIVOS AOS 30 ANOS DO PROGRAMA ERASMUS
BOOKS RELATED TO THE 30 YEARS OF THE ERASMUS PROGRAMME**

Título/Title: *A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*

Autores/Authors:

Fernando Seabra Santos, Naomar de Almeida Filho

Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção/Collection: *Investigação*

Ano/Year of publ.: 2012

Título/Title: *Roteiro do plane(j)amento estratégico: percursos e encruzilhadas do Ensino Superior no espaço da Língua Portuguesa*

Editor: Margarida Mano

Editora/Publisher: Imprensa

da Universidade de Coimbra

Coleção/Collection: *Documentos*

Ano/Year of publ.: 2015

Título/Title: *Entre a periferia e o centro*

Editor: Rui Machado Gomes

Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção/Collection: *Outros Títulos*

Ano/Year of publ.: 2015

Título/Title: *Europa, Atlântico e o mundo: mobilidades, crises, dinâmicas culturais. Pensar com Maria Manuela Tavares Ribeiro*

Editor: Isabel Maria Freitas Valente

Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção/Collection: *Outros Títulos*

Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *A aventura da moeda única europeia*

Autor/Author: António Martins da Silva

Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coleção/Collection: *Investigação*

Ano/Year of publ.: 2017

LIVROS/BOOKS

Título/Title: *Nexo de causalidade e estado anterior em avaliação do dano corporal*
Autores/Authors: Carina Oliveira, Duarte Nuno Vieira, Francisco Corte-Real
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Ciências da Saúde*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Penicilina em Portugal (anos 40-50 do século XX): receção, importação e primeiros tratamentos*
Autor/Author: Victoria Bell
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Ciências e Culturas*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Avaliação Familiar. Vol. II: Vulnerabilidade, stress e adaptação*
Autores/Authors: Sofia Major, Ana Paula Relvas
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Investigação*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *A Esperança, Utopia Impossível? Da insatisfação como forma do humano*
Autores/Authors: Sebastião Formosinho, J. Oliveira Branco
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Investigação*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *O livro do tempo: escritas e reescritas. Teatro greco-latino e sua receção, Vol. I*
Editores/Editors: Maria de Fátima Silva, Maria do Céu Fialho, José Luís Brandão
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Humanitas Supplementum*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *O livro do tempo: escritas e reescritas. Teatro greco-latino e sua receção, Vol. II*
Editores/Editors: Maria de Fátima Silva, Maria do Céu Fialho, José Luís Brandão
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Humanitas Supplementum*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Lições de Matemática II*
Autores/Authors: Teresa Pedroso de Lima, Jorge Marques
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Ensino*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *A Biblioteca Joanina: uma biblioteca viva*
Editor: José Augusto Cardoso Bernardes
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Outros Títulos*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *The Joanine Library: a living library*
Editor: José Augusto Cardoso Bernardes
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Outros Títulos*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *La Bibliothèq̃ue Joanina: une bibliothèq̃ue vivante*
Editor: José Augusto Cardoso Bernardes
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Outros Títulos*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *O cinema no discurso do poder: dicionário sobre legislação cinematográfica portuguesa (1896-1974)*
Autor/Author: Jorge Seabra
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Outros Títulos*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *O meu herbário de plantas medicinais*
Autores/Authors: Célia Cabral, Fernanda Botelho
Ilustração/Illustration: Elisabete Henriques
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Natura Naturata*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Diálogos freireanos. A educação e formação de jovens e adultos em Portugal e no Brasil*
Editores/Editors: Luís Alcoforado, Márcia Regina Barbosa, Denise Aparecida Brito Barreto
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Documentos*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *O sangue de Bizâncio: ascensão e queda do império romano do oriente*
Editor: João Gouveia Monteiro
Co-Autores/Authors: Gustavo Gonçalves, João Paiva, Rodrigo Gomes, João Rafael Nisa
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Ensino*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Europa, Atlântico e o mundo: mobilidades, crises, dinâmicas culturais. Pensar com Maria Manuela Tavares Ribeiro*
Editor: Isabel Maria Freitas Valente
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Outros Títulos*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Remédios vários e receitas aprovadas. Segredos vários – Edição do Caderno II do Manuscrito 142 do Arquivo Distrital de Braga*
Autor/Author: Anabela Leal de Barros
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Classica Digitalia. Série DIATA: Scripta & Realia*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Plutarque: éditions, traductions, paratextes*
Editores/Editors: Françoise Frazier, Olivier Guerrier
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Humanitas Supplementum*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *The Lisbon stock exchange in the twentieth century*
Autores/Authors: Maria Eugénia Mata, José Rodrigues da Costa, David Justino
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Investigação*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Ortega y Gasset em Lisboa: tradução e enquadramento de “La razón histórica” [curso de 1944]*
Autor/Author: Margarida I. Almeida Amoedo
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Ideia*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Arte de falar e arte de estar calado: Augusto de Castro – Jornalismo e Diplomacia*
Autor/Author: Clara Isabel Serrano
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *História Contemporânea*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Narrativa e Media: géneros, figuras e contextos*
Editores/Editors: Ana Teresa Peixinho, Bruno Araújo
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Investigação*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Tide: *The edge of one of many circles – Homenagem a Irene Ramalho Santos. Vol I*
Editores/Editors: Isabel Caldeira, Graça Capinha, Jacinta Matos
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Investigação*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *The edge of one of many circles – Homenagem a Irene Ramalho Santos. Vol II*
Editores/Editors: Isabel Caldeira, Graça Capinha, Jacinta Matos
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Investigação*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Tênis: estratégia, perceção e ação*
Autores/Authors: Raul A. Martins, Gonçalo Dias, Pedro Cabral Mendes
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Ensino*
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Pessoas e ideias em trânsito: percursos e imaginários*
Editores/Editors: Rita Basílio de Simões, Clara Serrano, Sérgio Neto, João Miranda
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção/Collection: *Investigação*
Ano/Year of publ.: 2017

REVISTAS/JOURNALS

Título/Title: *Revista Portuguesa do Dano Corporal n.º 25*
Editor: Duarte Nuno Vieira
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2014

Título/Title: *Revista Portuguesa do Dano Corporal n.º 26*
Editor: Duarte Nuno Vieira
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Year: 2015

Título/Title: *Territorium n.º 24*
Editor: Luciano Lourenço
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Debater a Europa n.º 16*
Editor: Maria Manuela Tavares Ribeiro
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Annals of Research in Sport and Physical Activity n.º 7*
Editor: Carlos Gonçalves
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2016

Título/Title: *Boletim de Estudos Clássicos n.º 60*
Editor: Paula Barata Dias
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2015

Título/Title: *Atlantís – Review vol. 14*
Editor: Delfim Ferreira Leão
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Atlantís – Review vol. 15*
Editor: Delfim Ferreira Leão
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Psychologica n.º 59-2*
Editor: Rui Paixão
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2016

Título/Title: *Revista Portuguesa de Pedagogia 50-2*
Editor: Ana Maria Seixas
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2016

Título/Title: *Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental, n.º 20*
Editor: Gabriele Cornelli
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2017

Título/Title: *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público n.º 3*
Editor: Carlos Camponez
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2016

Título/Title: *Conimbriga: Revista de Arqueologia Vol. 55*
Editor: Raquel Vilaça
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2016

Título/Title: *Humanitas Vol. 69*
Editor: Carmen Soares
Editora/Publisher: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano/Year of publ.: 2017

69

RL #49 | AO LARGO
lugar dos livros

RL #49 | AO LARGO apocalípticos e integrados

Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial. Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura. Hoje, perguntamos: existirá, de facto, uma “Geração ERASMUS” a mudar a Europa? Uma geração que se move e que flui, que carrega uma identidade una e ambiciosa, diversa e corajosa, fruto daquele que é considerado por muitos o projeto mais bem conseguido do espaço europeu? Ou esconder-se-á esta sob o potencial embargado de um programa que ainda a poucos chega, tropeçando em solavancos económicos, sociais e, sobretudo, burocráticos, longe de fazer chegar a mudança a uma Europa em crise (de valores)?

If in 1964 it was just the title of a book published by Umberto Eco, since then it has become a common expression, almost a kind of proverbial opposite. Originally, the writer proposed the division of reactions to mass culture and cultural industries into the two above-mentioned categories: the first ones, who considered that the mass production and consumption led to the loss of the artistic creation essence; and the second ones, who believed to be living in an era of huge civilisation progress, of an effective and wider democratisation of culture. Today, we ask: is there, in fact, an “ERASMUS Generation” changing Europe? A generation that moves and flows, carrying a unified and ambitious, diverse and courageous identify, as a result of the project that is considered by many to be the most successful of the European Union? Or is it hiding behind the arrested potential of a programme that still reaches just a few, bumping into economic, social, and, mainly, bureaucratic bottlenecks, incapable of bringing change to a Europe plunged into a crisis (of values)?



HÁ UMA “GERAÇÃO ERASMUS” A MUDAR A EUROPA?

RITA MAIA *

Diria que ainda não e não sei quando poderá vir a acontecer. Tudo o que o programa ERASMUS representa (mais desenvolvimento socioeconómico, diversidade cultural e linguística, empregabilidade, etc.), e que poderia efetivamente mudar a Europa, está ao alcance de muito poucos. Infelizmente, o programa ERASMUS abrange uma percentagem residual de estudantes do ensino superior na Europa: estes são atualmente mais de 17 milhões e a taxa de participação não atinge os 3%. Em 2009, na Conferência Ministerial de Lovaina, os ministros da educação dos países envolvidos no chamado Processo de Bolonha recomendavam que, até 2020, pelo menos 20% dos graduados na Europa deveriam ter feito um período de mobilidade durante a sua formação. Reconhecendo os benefícios e impacto positivos desta experiência, em 2011, este objetivo foi reiterado pelo Conselho da Europa. Todavia, o programa ERASMUS, cujo papel no alcance desta meta é da maior relevância, continua a padecer de algumas fraquezas que contribuem para que muitos estudantes europeus não saiam em mobilidade. A mais preocupante e impactante numa Europa empobrecida, em especial nos países do Sul, é sem dúvida o financiamento deficiente dos períodos de mobilidade, que ronda apenas os 300 euros por mês. Adicionalmente, as próprias universidades, cada vez com menos recursos, e as famílias com baixos salários, deixam de poder auxiliar os seus estudantes neste tipo de empreendimentos. O reconhecimento dos estudos e créditos obtidos durante o período de mobilidade e a possibilidade de aprendizagem da língua do país de acolhimento também não são garantidas em vários casos. O potencial de mudança do programa ERASMUS está embargado e ainda não chegou aos centros de decisão nacionais e europeus. Desde 2008 que a Europa está numa crise económica e social profunda, em que o desemprego e o endividamento das famílias grassa. Assistimos a uma escalada assustadora dos nacionalismos populistas e da xenofobia, à ameaça da desintegração europeia, e à imposição de regras e sanções que exploram e humilham os cidadãos dos Estados mais fragilizados. Onde estão os valores europeus? Onde anda a “geração ERASMUS”?

* Técnica Superior na Divisão de Relações Internacionais da UC

DANIELA NASCIMENTO **

A resposta é sim. Sim, sem qualquer dúvida ou hesitação. Os argumentos são vários e simples. A começar pela minha experiência e que me faz recuar a 1999, ano em que tive a oportunidade única de experimentar o que era pertencer a essa “geração ERASMUS”. Um único semestre de mobilidade na Bélgica, que rapidamente se transformou num abrir ao mundo e a uma Europa que conhecia apenas superficialmente e que passei a querer conhecer mais. Pertencer à “geração Erasmus” é pertencer a uma geração que não só conhece a Europa na sua geografia, mas também na sua diversidade cultural, política, social e económica. E esse conhecimento muda, necessariamente, a Europa. Porque nos torna mais conscientes do que é a Europa, das suas forças e das suas fraquezas, porque nos torna mais Europeus, mais exigentes e com uma maior ambição relativamente à Europa em que queremos viver e para a qual queremos contribuir de alguma forma. E depois há as amizades, as relações afetivas temporárias, de um semestre a um ano, que se tornam relações para a vida e que se concretizam tantas vezes na chamada “geração de bebés Erasmus”. E essas são também uma parte fundamental desta mudança que se opera na Europa. E não podemos esquecer o lado prático, do que resulta dessas experiências e que nos revela os inúmeros casos de antigos/as Erasmus que depois dessa aventura se lançam numa outra, por essa Europa fora, em busca de oportunidades de emprego e de realização profissional. Porque a Europa se torna facilmente o seu mundo, o seu espaço. Porque querem transformar a Europa, depois de a Europa do Programa Erasmus os/as ter transformado a eles e a elas enquanto estudantes, enquanto pessoas, mas acima de tudo enquanto cidadãos da Europa. Porque ser parte da “geração Erasmus” torna-nos mais Europeus. E isso necessariamente muda a Europa.

** Docente na Faculdade de Economia da UC, Coordenadora da Licenciatura e Núcleo de Relações Internacionais

IS THERE AN “ERASMUS GENERATION” CHANGING EUROPE?

RITA MAIA *

I would say no and I do not know when that will possibly happen. Everything that the ERASMUS programme represents (more socioeconomic development, cultural and linguistic diversity, employability, etc.) and that could effectively change Europe is within the reach of just a few. Unfortunately, the ERASMUS programme covers only a very small percentage of higher education students in Europe: these are more than 17 million and the participation rate is less than 3%. In 2009, during the Leuven Conference, the higher education ministers of the countries involved in the so-called Bologna Process recommended that, until 2020, at least 20% of the graduates in Europe should have had a study or training period abroad. Recognising the benefits and the positive impact of this experience, in 2011, the 20% mobility target was reiterated by the Council of Europe. However, the ERASMUS programme, whose role in the achievement of this target is crucial, continues to be hampered by some weaknesses that prevent many European students from going abroad. The most serious weakness, having negative impact on a distressed Europe, especially in the South countries, is undoubtedly the meagre funding of the mobility periods, which totals around 300 euros per month. Furthermore, the universities, with ever fewer resources, and the families with low salaries, can no longer support their students in this kind of endeavours. On top of that the recognition of the studies and credits obtained abroad and the possibility of learning the language of the host country are not guaranteed in several cases. The changing potential of the ERASMUS programme is arrested and has not yet reached the national and European decision-making bodies. Since 2008, Europe faces a severe economic and social crisis with high rates of unemployment and household debt. We are being confronted with a menacing rise of populist nationalist ideas, xenophobia, threats to the European Union disintegration, the imposition of rules and sanctions, which humiliate and explore the citizens of the most vulnerable States. Where are the European values? Where is the “ERASMUS generation”?

* International Relations Officer at the University of Coimbra

DANIELA NASCIMENTO **

The answer is yes. Yes, without any doubt or reluctance. The arguments are diverse and simple. Starting with my own experience, which made me go back to 1999, when I had the unique opportunity of experiencing what it was like to belong to the so-called “Erasmus generation”. A single mobility semester in Belgium rapidly opened up my perspectives about the world and a Europe I knew only superficially and which I found myself eager to know better. Belonging to the “Erasmus generation” is being part of a generation that knows not only Europe geographically, but also its cultural, political, social and economic diversity. And that knowledge changes Europe necessarily. It makes us more aware about what Europe is, its strengths and weaknesses, it makes us more European, more demanding and with a bigger ambition concerning the Europe in which we want to live and for which we want to contribute in some way. Then, you have the friendships, the temporary relationships of one semester or a year, which become relationships for life and so many times give birth to the so-called “Erasmus babies’ generation”. And those aspects are also a fundamental part of this change operating in Europe. We cannot forget the outcomes of the practical side of these experiences that show us innumerable cases of Erasmus alumni who embark eagerly on new adventures across Europe searching for jobs and professional fulfilment. Europe has become their world, their home. They want to transform Europe, after the Europe of the Erasmus Programme has transformed them as students, as individuals, but above all, as European citizens. Being part of the “Erasmus generation” makes us more European. And that changes Europe necessarily.

** Lecturer at the Faculty of Economics of UC, Coordinator of the Undergraduate Degree in International Relations



RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 49
JULHO 2017

A Rua Larga está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

O H
A S
C A
S A
S

20° SEMANA
CULTURAL DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
2018